



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
MESTRADO ACADÊMICO EM ENFERMAGEM

RACHEL LUCAS DA COSTA

**TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA: ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DA
SAÚDE PARA DISCENTES LUSÓFONOS**

REDENÇÃO-CE

2019

RACHEL LUCAS DA COSTA

TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA: ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DA
SAÚDE PARA DISCENTES LUSÓFONOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial obtenção do título de Mestre em Enfermagem. Área de concentração: Saúde Mental.

Orientadora: Prof.^a Dra. Carolina Maria de Lima Carvalho.



REDENÇÃO-CE

2019

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira

**Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na fonte**

C87t COSTA, Raquel Lucas da.

Terapia Comunitária Integrativa: estratégia de promoção da saúde para discentes lusófonos/ Raquel Lucas da Costa. Redenção, 2019.
99 f.; il.

Dissertação de Mestrado em Enfermagem pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Maria de Lima Carvalho.

1. Terapia Comunitária Integrativa. 2. Estudantes universitários. 3. Promoção da saúde. 4. Psicoterapia de grupo. I. Título.

CDD 613

CE/ UF/ BSP

RACHEL LUCAS DA COSTA

TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA: ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DA
SAÚDE PARA DISCENTES LUSÓFONOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial obtenção do título de Mestre em Enfermagem. Área de concentração: Saúde Mental.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Carolina Maria de Lima Carvalho (Orientadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Michell Angelo Marques Araújo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dra. Albertina Antonielly Sydney de Sousa
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof.^a Dra. Francisca Lucélia Ribeiro de Farias
Universidade Fortaleza (UNIFOR)

A **Deus**, que sempre esteve presente nos momentos mais difíceis e felizes da minha existência.

À minha **mãe, Leda**, que foi a grande incentivadora dessa caminhada.

Ao meu **pai, Juvenal**, que teria muito orgulho se aqui estivesse.

Ao meu **filho, Juan**, razão do meu viver.

AGRADECIMENTOS

Quero demonstrar minha imensa gratidão às várias pessoas que me auxiliaram na jornada de construção dessa dissertação.

A Deus, por tudo, pois Ele é o caminho, a verdade e a vida.

À minha orientadora, Prof.^a Dra. Carolina Maria de Lima Carvalho, por acreditar, incentivar, motivar e orientar a construção desse sonho.

Aos professores Michell Angelo, Marques, Francisca Lucélia Ribeiro e Albertina Antonielly Sydney, pelas contribuições relevantes no processo de qualificação desse estudo.

Aos alunos participantes da pesquisa que colaboraram com suas histórias de vida, pessoas extraordinárias que merecem todo o meu respeito.

A todos os docentes do curso de mestrado que contribuíram para a minha formação.

À minha turma, por partilhar momentos especiais.

Aos meus amigos e colegas de trabalho, fiéis motivadores.

À minha mãe, Leda Lucas, e ao meu filho amado, Juan Lucas, minha eterna gratidão.

E a todos aqueles que, de maneira direta ou indireta, contribuíram na idealização desse sonho. Muito obrigada!

RESUMO

O ambiente universitário é gerador de mudanças significativas no estilo de vida, em razão da autonomia, das novas responsabilidades, do afastamento do seio familiar e das altas demandas acadêmicas. No caso de alunos migrantes de países lusófonos, além das dificuldades comuns, emergem os problemas financeiros, o distanciamento do país de origem, da sua cultura, dos seus familiares e amigos e a discriminação racial. Essas experiências afetam o desempenho dos discentes, levando ao surgimento de sofrimento e de doenças físicas. A Terapia Comunitária Integrativa (TCI) desponta como parte da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares e se propõe a reforçar a rede de apoio e a criar espaços de inclusão, resiliência e valorização das diversidades, resgatando a herança cultural e a história do sujeito. O estudo consiste em investigar o impacto da TCI na promoção da saúde para discentes lusófonos. Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa, utilizando o método da história oral temática. O processo de coleta de dados se instituiu em três etapas. Na primeira etapa, foram feitos, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), o convite e a divulgação da realização das rodas de TCI para discentes estrangeiros na tentativa de formar um grupo de alunos. Na segunda etapa, foram realizadas dez sessões de TCI, no período de outubro de 2018 a março de 2019, com 91 sujeitos, no intuito de obter informações sobre inquietações e estratégias de enfrentamento. Na terceira etapa, seguiu-se com a finalização do processo terapêutico, ocasião em que foram entrevistados seis estudantes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) que participaram das rodas de TCI e se disponibilizaram a participar. Por meio do formulário foram feitas perguntas semiestruturadas para avaliar as contribuições da TCI na promoção da saúde. O material empírico foi dividido em quatro eixos temáticos, quais sejam: “Da diáspora africana à receptividade no Brasil”, “O ambiente universitário lusófono e seus desafios”, “De onde vem essa força?” e “A Terapia Comunitária Integrativa como local de encontro, descobertas e cuidado”. Identificou-se que todos os estudantes declararam boa receptividade brasileira e que os principais desafios na ambiência universitária se referem à adaptação à cultura, à distância da família, ao medo da violência, à língua portuguesa e ao preconceito. Acredita-se poder evidenciar, neste trabalho, a TCI como um recurso de promoção da saúde, que concilia a construção de redes de apoio social, proporciona mudanças de parâmetros sociais e acredita nas competências de cada sujeito na superação de suas dificuldades. E, ainda, pode-se apreender, a partir dos depoimentos orais, que diversas foram as mudanças que ocorreram no cotidiano de estudantes estrangeiros. Houve uma melhor compreensão de si e do outro e a estratégia pôde viabilizar autoestima e empoderamento pessoal, reconhecendo seu potencial de transformação a nível individual. Foi possível consolidar vínculos com a família e melhorar aspectos, como lazer e espiritualidade. Pôde, também, estabelecer, na universidade, um espaço de apoio, criando condições e convívio entre contextos culturais e sociais distintos. O projeto teve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UNILAB.

Palavras-chave: Estudantes. Terapia Comunitária Integrativa. Promoção da Saúde.

ABSTRACT

The university environment generates significant changes in the way of life, due to the autonomy, the new responsibilities, the estrangement of the family and the high academic demands. In the case of migrant students from Portuguese-speaking countries, in addition to the common difficulties, financial problems arise, distancing themselves from their country of origin, their culture, their families and friends and racial discrimination. These experiences affect student performance, leading to the onset of suffering and physical illness. Integrative Community Therapy (TCI) emerges as part of the National Policy on Integrative and Complementary Practices and proposes to strengthen the support network and create spaces for inclusion, resilience and appreciation of diversity, rescuing the cultural heritage and the history of the subject. The study consists of investigating the impact of ICT in health promotion for Portuguese-speaking students. This is a study with a qualitative approach, using the oral history method. The process of data collection was instituted in three stages. In the first stage, the invitation of the International Integration University of Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) was the invitation and dissemination of the realization of the TCI wheels for foreign students in an attempt to form a group of students. In the second stage, ten TCI sessions were held, from October 2018 to March 2019, with 91 subjects, in order to obtain information about concerns and coping strategies. The third stage was followed by the completion of the therapeutic process, at which time six students from the Portuguese Speaking African Countries (PALOP) were interviewed and participated in the TCI rounds. Through the form, semi-structured questions were asked to evaluate TCI's contributions to health promotion. The empirical material was divided into four thematic axes, namely: "From the African diaspora to receptivity in Brazil", "The Lusophone university environment and its challenges", "Where does this force come from?" and "Integrative Community Therapy as an encounter, discoveries and care". It was identified that all the students declared good Brazilian receptivity and that the main challenges in the university environment refer to the adaptation to the culture, the distance of the family, the fear of the violence, the Portuguese language and the prejudice. It is believed to be able to evidence, in this work, the TCI as a health promotion resource, which conciliates the construction of social support networks, provides changes in social parameters and believes in the competences of each subject in overcoming their difficulties. And yet, it can be seen from the oral testimonies that several changes have occurred in the daily lives of foreign students. There was a better understanding of self and the other and the strategy was able to enable self-esteem and personal empowerment, recognizing its potential for transformation at the individual level. It was possible to consolidate ties with the family and improve aspects such as leisure and spirituality. It was also able to establish, in the university, a space of support, creating conditions and conviviality between different cultural and social contexts. The project was approved by the Research Ethics Committee of UNILAB..

Keywords: Students. Integrative Community Therapy. Health promotion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Campus</i> da Liberdade, Redenção-CE	23
Figura 2 – Distribuição dos estudantes africanos por município no estado do Ceará	25
Figura 3 – Estudantes no <i>Campus</i> São Francisco do Conde-BA	25
Figura 4 – Municípios que compõem o Maciço de Baturité	36
Figura 5 – Localização do município de Redenção-CE.....	37
Figura 6 – Monumento Negra Nua, na entrada do município de Redenção-CE.....	37
Figura 7 – Fases do relatório	41

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Síntese das rodas de Terapia Comunitária Integrativa no período de outubro de 2018 a março de 2019	75
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de estudantes africanos por país no estado do Ceará	24
Tabela 2 – Distribuição dos principais temas relatados pelos estudantes africanos nos encontros de Terapia Comunitária Integrativa em Redenção-CE, no período de outubro de 2018 a março de 2019	75
Tabela 3 – Estratégias de enfrentamento sugeridas durante o encontro de Terapia Comunitária Integrativa entre estudantes africanos em Redenção-CE, no período de outubro de 2018 a março de 2019	76

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CPLP	Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
CTI	Cooperação Técnica Internacional
CTPD	Cooperação Técnica entre Países em Desenvolvimento
DPM	Delegacia de Polícia de Migração
DRCA	Diretoria de Registro e Controle Acadêmico
ESF	Estratégia de Saúde da Família
FBSP	Fórum Brasileiro de Segurança Pública
GM	Gabinete do Ministro
IES	Instituições de Ensino Superior
Ipea	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MNA	Movimento dos Países Não Alinhados
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial de Saúde
PALOP	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
PET	Programa de Educação Tutorial
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PIC	Práticas Integrativas Complementares
PNPIC	Política Nacional Práticas Integrativas e Complementares
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PSEE	Processo Seletivo de Estudantes Estrangeiros
SUS	Sistema Único de Saúde
TCI	Terapia Comunitária Integrativa
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
TMC	Transtornos Mentais Comuns
UFC	Universidade Federal do Ceará
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	OBJETIVOS	18
2.1	Objetivo geral.....	18
2.2	Objetivos específicos	18
3	REVISÃO DE LITERATURA.....	20
3.1	Da cooperação brasileira de educação ao surgimento da universidade lusófona ...	22
3.2	Terapia Comunitária Integrativa como parte integrante da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares	26
3.3	Alicerces teóricos da Terapia Comunitária Integrativa	28
3.3.1	<i>Pensamento sistêmico</i>	<i>29</i>
3.3.2	<i>Teoria da comunicação.....</i>	<i>29</i>
3.3.3	<i>Antropologia cultural.....</i>	<i>30</i>
3.3.4	<i>Pedagogia de Paulo Freire.....</i>	<i>30</i>
3.3.5	<i>Resiliência.....</i>	<i>31</i>
3.4	Estágios da Terapia Comunitária Integrativa	31
4	MÉTODOS.....	35
4.1	Tipo de estudo	35
4.2	Cenário da pesquisa.....	36
4.3	Público-alvo.....	38
4.4	Período e técnica de coleta de dados	39
4.5	Análise e apresentação dos dados.....	40
4.6	Procedimentos éticos.....	42
5	NARRATIVAS DOS DISCENTES LUSOFONOS	45
5.1	Cacheu.....	45
5.2	Gumbela	47
5.3	Kufada.....	49
5.4	Caué.....	52
5.5	Geba	55
5.6	Abade	57
6	APRECIANDO AS HISTÓRIAS	60
6.1	Da diáspora africana à receptividade no Brasil.....	60
6.2	O ambiente universitário lusófono e seus desafios.....	63

6.3	De onde vem essa força?	71
6.4	A Terapia Comunitária Integrativa como local de encontro, descobertas e cuidado	73
6.4.1	<i>O grande encontro do pesquisador com a Terapia Comunitária Integrativa.....</i>	<i>73</i>
6.4.2	<i>O encontro dos estudantes com a Terapia Comunitária Integrativa.....</i>	<i>74</i>
6.4.3	<i>As descobertas.....</i>	<i>77</i>
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
	REFERÊNCIAS.....	85
	APÊNDICE A – FORMULÁRIO DE ENTREVISTA	94
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .	95
	ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....	98

Introdução

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, de Norte a Sul, é possível observar a presença de estudantes de origem africana, que chegam para fazer graduação e/ou pós-graduação nas Instituições de Ensino Superior (IES), tanto públicas como particulares, principalmente de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). O ingresso dos estudantes internacionais nas IES brasileiras é um acordo diplomático de cooperação entre o Brasil e 47 países, que dispõe, entre outras coisas, sobre a permanência do aluno durante o período hábil à conclusão de seu curso universitário e a posterior volta para o país de origem.

No ano de 2010, com o objetivo de contribuir para integração dos países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), constituídos por oito Estados-Membros (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Portugal, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste), com princípios de cooperação solidária e intencionando desenvolver formas de crescimento econômico, político e social entre estudantes, formando cidadãos capazes de multiplicar o aprendizado, surge a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

No contexto geral, as universidades visam a um bom desempenho acadêmico ao estudante de nível superior, priorizando o conhecimento técnico em detrimento do conhecimento integral do aluno. Em uma perspectiva mais ampla, reforça-se a importância do desenvolvimento psicossocial onde, além de habilidades e competências profissionais, os alunos possam desenvolver atitudes sociais e relacionais, que permitam o amadurecimento pessoal, respeitando valores e opiniões dos outros e conhecendo princípios de um sistema social, e o convívio em comunidade (ANDRADE; TEIXEIRA, 2017).

As mudanças, no entanto, marcadas pelo ingresso na vida universitária – gerada pela autonomia, novas responsabilidades, afastamento do seio familiar, altas demandas acadêmicas e horários irregulares de aulas – acarretam alterações, boas ou más, no estilo de vida no que se refere à dieta, exercício físico, consumo de tabaco, álcool e outras drogas, vida sexual e estresse. As experiências negativas afetam o desempenho dos estudantes, levando ao surgimento de sofrimento psíquico e de problemas físicos (CARVALHO *et al.*, 2013; ARTIGAS; MOREIRA; CAMPOS, 2017; TASSINI *et al.*, 2017).

É preciso considerar que a palavra “sofrimento” representa o ato ou efeito de sofrer dor física, angústia, aflição, amargura, tribulação, tormento e tristeza. O sofrer é uma característica inerente à vida, acompanha o homem em sua trajetória e depende de cada um como é vivenciado, como se apresenta e como se manifesta (BESERRA *et al.*, 2014).

Beserra *et al.* (2014) mencionam que o homem tem uma relação com a vulnerabilidade e o sofrimento. A vulnerabilidade humana está ligada a vários aspectos, tais como: o biológico, o social, o cultural, o espiritual e o socioeconômico. O homem sofre por ser vulnerável e quando sofre ou está doente evidencia sua extrema vulnerabilidade. O sofrimento leva à reflexão, possibilidade de autoconhecimento, superação e amadurecimento.

A rápida globalização e a medicina moderna resultaram em novos valores e hábitos que negam o conhecimento tradicional, tornando difícil a reconstrução das poderosas redes sociais que existiam antes da pré-urbanização, somado a vulnerabilidade, que resultou em mudanças que alavancam a grandes sofrimentos entre as populações, que vão desde os males físicos aos emocionais. A Organização Mundial da Saúde (OMS) afirma que o estilo de vida tem influenciado negativamente a saúde, de maneira que é agravada quando as pessoas não dispõem de alternativas de apoio social (CHOI, 2008).

Na perspectiva de um cuidado integral a esses estudantes de consonância com novas práticas com o objetivo de fomentar a ampliação de abordagens em saúde e tornar disponíveis escolhas promocionais e preventivas diversas, buscam-se tais caminhos na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) do Sistema Único de Saúde (SUS).

A Terapia Comunitária Integrativa (TCI) aparece no Brasil no ano de 1987, tendo sido criada e sistematizada pelo psiquiatra e antropólogo Adalberto Barreto. Surgiu em resposta aos seguintes eixos de necessidade: atendimento a milhares de pessoas com problemas emocionais e psíquicos e adequação das propostas acadêmicas de promoção da saúde às reais carências apresentadas pela comunidade. A criação dessa metodologia está embasada e motivada pela constatação de que as pessoas carentes vivendo problemas os mais variados demonstram, ao mesmo tempo, riqueza nas possibilidades de soluções. O alicerce da TCI está fundamentado em cinco eixos teóricos, são eles: pensamento sistêmico, teoria da comunicação, antropologia cultural, pedagogia de Paulo Freire e resiliência (BARRETO, 2008).

A TCI como espaço de partilha de experiências do cotidiano vem contribuindo para a construção do empoderamento dos indivíduos, despertando suas características resilientes para enfrentamento das dificuldades. A partilha do sofrimento possibilita ressignificação desses eventos traumáticos, motivando um sentimento de pertença em cada participante, em razão dos laços sociais produzidos com o grupo ou comunidade. Os participantes da TCI são considerados especialistas em superação de sofrimento e

geradores de saber. Os obstáculos, os sofrimentos e as carências superadas transformam-se em sensibilidade e competência (BARRETO, 2008; BRAGA, 2009).

A adaptação acadêmica é um processo que permeia várias dimensões, são elas: acadêmica, social, individual/emocional e institucional. Os alunos migrantes africanos no processo de ajustamento da vida acadêmica têm como diferenciação o distanciamento do país de origem, da sua cultura, dos seus familiares e amigos, por um período de, no mínimo, quatro anos (OLIVEIRA *et al.*, 2014).

Para Langa (2014), além das dificuldades comuns, os universitários migrantes surgem em virtude de dificuldades financeiras e discriminação étnica e racial. Nos relatos constantes de queixas de tensões e sobrecargas relacionadas ao cotidiano acadêmico, sendo potencializados pela falta de apoio, foram os critérios fundamentais para busca de um espaço e tecnologia de cuidado na promoção da saúde dentro da universidade para auxílio aos discentes lusófonos.

A significância da TCI na contemporaneidade desponta como tecnologia leve de cuidado, utilizada em diversas populações (crianças, adolescentes, idosos, gestantes etc.) e diferentes espaços (igrejas, escolas, associações etc.), tendo como princípio a criação de um ambiente em que as pessoas possam expressar suas emoções e sentimentos, sem risco de serem julgadas. Aplicada em diversos estados brasileiros e países, a TCI estimula locais de partilha de histórias de vida dos participantes, levando à percepção dos problemas e soluções baseadas em suas competências. A TCI, na promoção da saúde e como terapia complementar, se propõe a reforçar a rede de apoio e a criar lugares de inclusão e valorização da diversidade, resgatando a herança cultural e a história do sujeito (AZEVEDO *et al.*, 2013b).

Vislumbra-se, portanto, uma proposta de cuidado centrada na promoção da saúde, buscando aproximar os saberes popular e científico, por meio da constituição de rodas de TCI com discentes de graduação de uma universidade lusófona, visando à cidadania, criação de redes solidárias e autonomia.

Objetivos

2 OBJETIVOS

Para o direcionamento do trabalho, são apresentados os objetivos geral e específicos.

2.1 Objetivo geral

Investigar o impacto da Terapia Comunitária Integrativa na promoção da saúde para discentes lusófonos.

2.2 Objetivos específicos

- Identificar sentimentos evidenciados pelos alunos, por meio das rodas de Terapia Comunitária Integrativa, das estratégias de enfrentamento e da superação das inquietações relatadas;
- Evidenciar experiências dos estudantes migrantes ocorridas na chegada ao Brasil e na adaptação acadêmica;
- Descrever o impacto da Terapia Comunitária Integrativa percebido pelos estudantes lusófonos.

Revisão de Literatura

3 REVISÃO DE LITERATURA

O ajustamento do indivíduo à vida universitária também pode ser chamado “adaptação acadêmica”. Essa adaptação não tem o modelo teórico, mas existem dimensões relevantes no processo de adaptação, quais sejam: dimensões acadêmica, social, individual/emocional e institucional. Assim, os fatores significativos para o grau de ação do jovem à vida universitária estão relacionados com a capacidade de estabelecer novas amizades, vínculo criado com a instituição, presença ou não de estresse e ansiedade frente às questões acadêmicas (OLIVEIRA *et al.*, 2014).

O período inicial da inserção na vida acadêmica é classificado com uma fase crítica com relação à adaptação a instituição, desafios pessoais, contextual e social. Não obstante o período final permeia a satisfação do universitário com suas experiências acadêmicas e expectativa com o futuro profissional (ARTIGAS; MOREIRA; CAMPOS, 2017).

Andrade e Teixeira (2017, p. 515-516), contudo, discorrem que há uma multiplicidade de fatores que influenciam o processo de aprendizagem e o bom desempenho acadêmico entre elas:

[...] o processo de apreender e o desempenho do indivíduo envolve inter-relação entre questões pessoais e internas do estudante (fatores orgânicos, cognitivos e motivacionais) aspectos relacionados à família e ao grupo social no qual está inserido e o ambiente escolar (influenciado pelas interações, medidas pedagógicas e decretos governamentais que regem o ensino).

A expectativa da família e da sociedade é que a educação universitária, além de oferecer formação técnica, favoreça a formação pessoal do aluno. Nos últimos anos, as universidades têm como desafio, além da preocupação assistencialista, uma perspectiva mais ampla sobre o sucesso acadêmico, que abrange prover serviços de apoio e orientação para o desenvolvimento psicológico do aluno. Assim, define-se o papel atual das universidades:

[...] a assistência estudantil tem como finalidade prover os recursos necessários para transposição de obstáculos e percepção dos impedimentos ao bom desempenho acadêmico, permitindo que o estudante se desenvolva durante a graduação e obtenha bom desempenho curricular, minimizando, assim, o percentual de abandono e trancamento de matrícula. [...] reforçar que tais políticas devem ser voltadas não só as questões de ordem econômica, como auxílio financeiro para o indivíduo realizar atividades de ordem pessoal e psicológica. (ANDRADE; TEIXEIRA, 2017, p. 514).

Na opinião de Andrade e Teixeira (2017), o plano para desenvolvimento psicossocial dos estudantes vai além das competências técnicas e instrumentais para exercer a

profissão escolhida. A universidade deve estimular e desenvolver habilidades sociais, entre elas: o respeito às opiniões e valores dos outros e os princípios de convivência em comunidade.

A vida universitária, no entanto, está marcada por várias mudanças causadas pela autonomia e novas responsabilidades. Apesar disso, altas cobranças, responsabilidades e estresse causado por sobrecargas de atividades impostas pela universidade podem estabelecer experiências negativas, como nervosismo, depressão e desânimo, afetando os estudos e comprometendo a saúde física e emocional dos estudantes (ARTIGAS; MOREIRA; CAMPOS, 2017; TASSINI *et al.*, 2017).

Segundo Rocha e Sassi (2013), os transtornos mentais têm maior chance de aparecer em adultos universitários se comparado a adultos que não frequentam as universidades. O distanciamento do ciclo de relacionamentos familiares e sociais em virtude do ingresso na universidade pode desencadear crises.

No caso dos discentes lusófonos, Langa (2014) afirma que a escolha em estudar no Brasil se deve pela facilidade de adaptação por conta dos elementos culturais em comum, quais sejam: a língua portuguesa, a culinária, a religiosidade e a cultura trazida na época da escravidão. O autor, contudo, também descreve as dificuldades vivenciadas pelos estudantes migrantes encontradas no Brasil:

Chegados ao Brasil, os estudantes africanos enfrentam desafios cotidianos, particularmente, dificuldades econômicas de sobrevivência considerando o elevado custo de vida nesta metrópole, em relação às suas possibilidades financeiras. Parte significativa desse contingente afirma sentir-se discriminada no cotidiano, por conta da cor da pele e da própria origem africana, em graus e formas distintas das discriminações encontradas nos países de origem. (LANGA, 2014, p. 106).

A universidade continua a valorizar o conhecimento técnico em detrimento do conhecimento integral do aluno. A percepção da integralidade do estudante favorece a ampliação da assistência estudantil, estimulando a busca de espaços de promoção da saúde dentro da universidade, ambientes de reflexões sobre suas emoções, sentimentos, vulnerabilidades, inquietações e encontro de cuidado.

Apoiada nos resultados de vários estudos que demonstram o potencial de resolutividade dos problemas do dia-a-dia, a TCI proporciona trocas de experiências (escuta e partilha) das pessoas que delas participam, sejam elas homens, mulheres, idosos e jovens. Percebe-se, portanto, a possibilidade de inserir dentro de uma universidade lusófona espaços de fala e escuta acolhedora para discentes no intuito de diminuir o sofrimento psíquico causado pelo estilo de vida acadêmico e pelo distanciamento familiar.

3.1 Da cooperação brasileira de educação ao surgimento da universidade lusófona

Após a segunda guerra mundial, motivados pelo sentimento de paz entre as nações inicia a Cooperação Técnica Internacional (CTI) entre países desenvolvidos (países do Norte) e em desenvolvimento (países do Sul), buscando promover o crescimento econômico e o progresso social dos países em desenvolvimento. Os países do Norte contribuiriam para reduzir a distância entre as economias ricas e as pobres, por meio da transferência de capital para os países do Sul, ditos em desenvolvimento (CARRILHO *et al.*, 2011).

A Conferência de Bandung, realizada em abril de 1955, reuniu 29 países africanos e 42 asiáticos. Essa conferência inspirou o Movimento dos Países Não Alinhados (MNA), para a reflexão contra a dominação política e econômica do Norte contra o Sul, fazendo com que a sociedade civil, os intelectuais, os políticos dos continentes asiáticos, africanos e da América Latina começassem a defender seus interesses próprios, construindo uma identidade particular. Alguns dos dez princípios elencados pela conferência para desenvolvimentos de ações foram: o respeito aos direitos humanos fundamentais e aos propósitos e princípios da Carta das Nações Unidas; o respeito à soberania e à integridade territorial de todas as nações; o reconhecimento da igualdade de todas as raças e de todas as nações, grandes ou pequenas; a promoção de interesses mútuos e da cooperação; e o respeito à justiça e às obrigações internacionais (MALOMALO; LOURAU; SOUZA, 2018).

Na época atual, a cooperação entre países é entendida como um instrumento para a promoção do desenvolvimento humano. Essa responsabilização é acompanhada pela percepção de múltiplas necessidades de desenvolvimento. O discurso sobre a concepção de desenvolvimento evoluiu de uma perspectiva economicista para uma visão mais humanista. O objetivo a ser buscado, portanto, é o pleno desenvolvimento humano (SILVA, 2015).

Desta maneira, conforme relata Silva (2015), o princípio das atividades da cooperação dos países desenvolvidos para os países em desenvolvimento era ofertar suporte para enfrentamento dos principais problemas identificados, quais sejam: baixo nível de conhecimento e ausência de domínio de técnicas e de capacidade de gestão.

Países que apresentam deficiências nos seus sistemas de ensino superior são prioritários nos programas de intercâmbio de educação no Brasil, assim com aqueles considerados prioritários nas agendas de política externa brasileira. Desde o ano de 2004, estratégias de CTI da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) enfatizaram a América Latina e a África, mormente os PALOP (MILANI; CONCEIÇÃO; M'BUNDE, 2016).

Para implementar a CTI no sentido de solucionar os problemas seriam necessários identificar instrumentos e mecanismos, tais como: apoio técnico, formação de recursos humanos, processos de transferência de tecnologia e doação de equipamentos e materiais. O projeto, porém, seria parte inicial e importante para definir as intervenções propostas e o planejamento das ações de cooperação, reunidos em documento que registra os fins e os meios necessários para execução da sua cooperação (AGÊNCIA BRASILEIRA DE COOPERAÇÃO, [2012]).

Em 1970, as Nações Unidas desenvolveram o conceito “Cooperação Técnica entre Países em Desenvolvimento (CTPD)” ou “Cooperação Horizontal”, em contraponto à “Cooperação Norte-Sul”, em razão do acúmulo de experiências positivas dos países em desenvolvimento, passíveis de serem transferidas para outros países com problemas semelhantes (AGÊNCIA BRASILEIRA DE COOPERAÇÃO, [2012]).

Em 1974, foi criada a Unidade Especial para CTPD no âmbito do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), iniciando-se os estudos para o fomento à essa modalidade de cooperação. No Brasil, a cooperação técnica contribui significativamente para o desenvolvimento socioeconômico do País e para a construção da autonomia nacional, e a mesma preocupação aplica-se à CTI prestada pelo Brasil a outros países, a Cooperação Sul-Sul (AGÊNCIA BRASILEIRA DE COOPERAÇÃO, [2012]).

A Cooperação Sul-Sul (antiga CTPD) atende às diretrizes internacionais com o comprometimento com as ações acadêmicas e administrativas, englobando o contexto da contemporaneidade, bem como busca uma cooperação solidária, no sentido de promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional da região e dos países de origem dos estudantes (DIÓGENES; AGUIAR, 2013).

Figura 1 – *Campus da Liberdade, Redenção-CE*



Fonte: UNILAB (2019a).

Na perspectiva de expandir o relacionamento e o conhecimento sobre o mundo de Língua Oficial Portuguesa (campo favorecido das relações internacionais brasileiras), desponta o projeto da uma Universidade Integrada Internacionalmente. A UNILAB surge como elemento de indução do processo de desenvolvimento sustentável, respeitando as diretrizes internacionais de ampliação da oferta de cursos superiores em regiões carentes, das relações de cooperação com o continente africano incrementado pela Cooperação Sul-Sul (DIÓGENES; AGUIAR, 2013).

Tabela 1 – Número de estudantes africanos por país no estado do Ceará

País	Nº de alunos
Angola	121
Cabo Verde	647
Congo	11
Guiné-Bissau	1.072
Moçambique	53
Nigéria	01
Quênia	01
São Tomé e Príncipe	130
Total	2.036

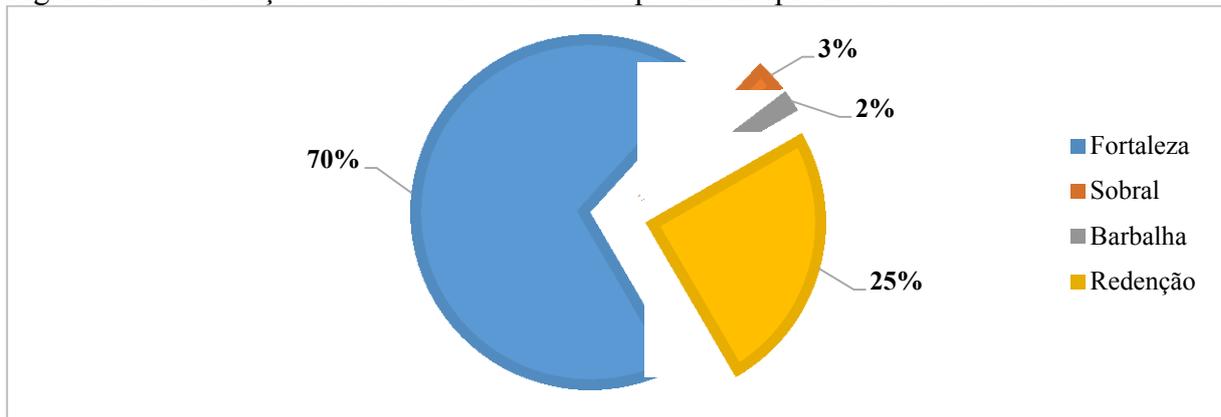
Fonte: Delegacia de Polícia de Migração (2015 *apud* PEREIRA; QUADE; CORREIA JUNIOR, 2017).

Segundo a Delegacia de Polícia de Migração (DPM), até 2015, foram registradas as entradas de 2.036 estudantes africanos de diferentes nacionalidades. Observa-se que Guiné-Bissau ocupa a primeira posição em relação ao número de estudantes estrangeiro no estado cearense (PEREIRA; QUADE; CORREIA JUNIOR, 2017).

Conforme dados de fevereiro de 2019, a UNILAB dispõe de 4.523 alunos de graduação, distribuídos por nacionalidade: Brasil (3.410), Angola (255), Cabo Verde (72), Guiné-Bissau (667), Moçambique (38), São Tomé e Príncipe (64) e Timor-Leste (16). Observa-se, portanto, que os estudantes da Guiné-Bissau estão em maior número em relação aos discentes lusófonos na UNILAB (UNILAB, 2019b).

A Lei n. 12.289, sancionada em 20 de julho de 2010, garantia o estabelecimento da segunda universidade federal no estado do Ceará e, então, em 25 de maio de 2011, as atividades da universidade iniciaram no *Campus* da Liberdade, no município de Redenção-CE. Foram matriculados 180 estudantes, sendo 141 brasileiros e 39 estrangeiros nos cursos de Administração Pública, Agronomia, Enfermagem, Engenharia de Energias, Licenciatura em Ciências da Natureza e Matemática, possuindo um quadro de docentes com 16 professores efetivos e 5 professores visitantes.

Figura 2 – Distribuição dos estudantes africanos por município no estado do Ceará



Fonte: Pesquisa direta (2017).

A distribuição dos estudantes nos municípios ou cidades do estado está diretamente relacionada com a localização das universidade/faculdades onde estudam. Os estudantes procuram morar próximo da instituição de ensino para diminuir gastos com transporte. Redenção é a segunda cidade com maior número de estudantes africanos, pois recebe estudantes da UNILAB, que é a instituição de ensino superior que aglomera o maior número de estudantes africanos no estado.

Nesse âmbito, a universidade busca construir uma ponte histórica e cultural entre o Brasil e os países de língua portuguesa, especialmente os da África, compartilhando soluções inovadoras para processos históricos similares. E deseja, ainda, auxiliar no fortalecimento de uma rede internacional que, com respeito à soberania dos países parceiros, permitirá a realização de ações e intervenções de apoio técnico, acadêmico, científico, cultural e humanitário.

Figura 3 – Estudantes no *Campus* São Francisco do Conde-BA



Fonte: Santos (2018).

A UNILAB foi a segunda universidade criada com a proposta de integrar o Brasil a outras nações. A primeira foi a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) em Foz do Iguaçu, no estado do Paraná. As aulas são ministradas em português e espanhol. A UNILAB foi criada especificamente para unificar o idioma português, consolidar integração e disseminar o ensino a distância entre os países da CPLP, buscando parceria para ampliar a formação do nível superior nos países parceiros que integram a CPLP: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste, na proposta de intercâmbio acadêmico, compartilhando conhecimentos adquiridos reciprocamente (DIÓGENES; AGUIAR, 2013; MILANI; CONCEIÇÃO; M'BUNDE, 2016).

3.2 Terapia Comunitária Integrativa como parte integrante da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares

Com o progresso da humanidade, o saber científico passou a representar o saber legítimo em detrimento ao saber popular advindo da cultura popular. Cabem ao profissional de saúde a competência e autoridade de delegar o que é normal e o que é patológico, no processo saúde-doença. O saber médico, portanto, tem autoridade na vida das pessoas e das sociedades, promovendo a medicalização dos corpos e da doença e fazendo com que a pessoa perca autonomia do seu cuidado (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2016).

Nascimento e Oliveira (2016) esclarecem que, na medicina tradicional, o sujeito é visto em sua totalidade e que o diagnóstico e o tratamento levam em conta aspectos físicos, emocionais, espirituais, mentais, econômicos e sociais, ao contrário da medicina ocidental, que tem seu foco na doença, no agente etiológico e no tratamento medicamentoso.

Porém a ineficiência do modelo biomédico na resolução de alguns problemas de saúde, a tendência ao uso abusivo de tecnologias duras, os efeitos iatrogênicos e a desumanização das práticas de saúde favorecem, de maneira positiva, a implantação das Práticas Integrativas Complementares (PIC) e definem os aspectos favoráveis como: sujeito no Centro da Atenção à Saúde, consideração da singularidade e totalidade biopsíquica do paciente e reconsideração da relação médico-paciente como elemento fundamental para o tratamento (SANTOS; TESSER, 2012; NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2016).

A implantação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) teve seu início com a publicação da Portaria nº 971, de 3 de maio de 2006, do Ministério da Saúde. O estabelecimento da PNPIC iniciou como parte das recomendações da OMS das várias Conferências Nacionais de Saúde, visando a atender à necessidade de

apoiar e incorporar experiências desenvolvidas na rede pública, tais como: Medicina Tradicional Chinesa/Acupuntura, Homeopatia, Fitoterapia, Medicina Antroposófica e Termalismo/Cromoterapia (ANDRADE *et al.*, 2009).

Segundo a OMS, o campo da PNPIC abrange sistemas complexos e recursos terapêuticos denominados de “Medicina Tradicional e Complementar/Alternativa” (BRASIL, 2006). Essas práticas integrativas atuam.

[...] nas esferas de prevenção de agravo, promoção, manutenção e recuperação da saúde, baseada no modelo de atenção humanizada e centrada na integralidade do indivíduo como proposta de fortalecimento dos princípios fundamentais do SUS, além de contribuir com aumento da resolubilidade do sistema em qualidade, eficácia, sustentabilidade, controle e participação social. (BRASIL, 2015, p. 13).

A TCI surge com tecnologia eficaz que corresponde a todas as características de uma prática complementar. Esse método foi idealizado pelo médico psiquiatra e antropólogo Adalberto Barreto e desenvolvido pelo Departamento de Saúde Comunitária da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará (UFC). O método de intervenção comunitária tem como objetivo:

[...] promover saúde com a construção de vínculos solidários, valorização das experiências de vida dos participantes, resgate da identidade, restauração da autoestima e da confiança em si, ampliação da percepção dos problemas e possibilidades de resolução a partir das competências locais. (ANDRADE *et al.*, 2009, p. 50).

No dia 27 de março de 2017, o Ministério da Saúde incluiu Terapia Comunitária Integrativa, Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala e Yoga à PNPIC (BRASIL, 2017).

A TCI cumpre com os princípios das práticas integrativas enfatizadas por Nascimento e Oliveira (2016), são eles: escuta acolhedora; desenvolvimento de vínculo terapêutico; integração do ser humano com o ambiente e sociedade; prática com inversão do paradigma centrado na doença para a saúde, com menos dependência de profissionais e de remédios, buscando autonomia do cuidado.

É uma ação que capacita o ser humano a transpor barreiras, tornando-o protagonista da sua própria história, que vai além das classes sociais, profissões, raças, credos e partidos. É facilitada por pessoas capacitadas (curso de formação em TCI) e que desejam trabalhar em comunidades, como enfermeiros, médicos, agentes comunitários de

saúde, assistentes sociais, psicólogos, educadores e outros, visando à cidadania e autonomia dos sujeitos.

3.3 Alicerces teóricos da Terapia Comunitária Integrativa

A TCI é desenvolvida em formato de roda, visando a trabalhar a horizontalidade, e tem como ponto de partida uma “situação problema” apresentada por um indivíduo, sendo que cada participante da roda é corresponsável pelo processo terapêutico, produzindo efeitos individuais e coletivos. A partilha de experiências objetiva a valorização das histórias pessoais, favorecendo, assim, o resgate da identidade, a restauração da autoestima e da autoconfiança e a ampliação da percepção e da possibilidade de resolução dos problemas (BARRETO, 2008).

A TCI permite a concepção de uma teia de relação social que potencializa as trocas de experiências, o desempenho das habilidades e a superação das adversidades com fundamento na concepção de recursos sócios emocionais e na aquisição de poder individual e coletivo. É através das experiências enfrentadas pelos participantes do grupo de TCI que podem ser selecionadas estratégias de enfrentamento, uma vez que os problemas encarados no cotidiano são similares, contudo, as maneiras de enfrentamento de cada um são distintos, e muitas vezes, tais estratégias são insuficientes na resolução desses problemas. (AZEVEDO *et al.*, 2013a, p. 6).

É uma prática de intervenção nos grupos sociais e objetiva a criação e fortalecimento de redes sociais solidárias para que a própria comunidade desenvolva recursos, competências e estratégias para criar soluções para suas dificuldades. É um espaço de acolhimento do sofrimento psíquico que favorece a troca de experiências entre as pessoas.

A Terapia Comunitária (TCI) centra a sua ação no sofrimento e não na patologia (sofrimento esse causado pelas situações estressantes de vida e do cotidiano), criando espaços de partilha, digerimos a ansiedade paralisante que traz riscos para a saúde. Na TCI, procuramos promover a saúde em espaços coletivos, e não combater a patologia individualmente. Pois, cremos que a partilha de experiências no grupo mostra as possíveis estratégias de superação dos sofrimentos e estimula a comunidade a encontrar, nela mesma, as soluções dos seus conflitos (BARRETO *et al.*, 2011, p. 8).

Com relação aos dados de pesquisas, a TCI tem seu papel na promoção da saúde, porque se propõe formar redes solidárias de apoio, a criar espaços de inclusão e valorização das diversidades resgatando herança cultural e histórica pessoal dos sujeitos (THIAGO; TESSER, 2011).

O alicerce da TCI está fundamentado em cinco eixos teóricos, são eles: pensamento sistêmico, teoria da comunicação, antropologia cultural, pedagogia de Paulo Freire e resiliência (BARRETO, 2008).

3.3.1 *Pensamento sistêmico*

O pensamento sistêmico sustenta que os problemas só podem ser resolvidos quando nós percebemos como parte integrada de uma rede complexa comum, tudo que envolve o biológico, o psicológico e a sociedade.

Conscientes da rede em que estamos inseridos, compreendendo a relação de interdependência que existe entre as várias partes desse todo, fica mais fácil compreender os mecanismos de autorregulação, proteção e crescimento dos quais somos todos corresponsáveis.

As crises e os problemas podem ser entendidos e resolvidos quando são vistos como partes integradas de uma rede complexa de acordo com o pensamento sistêmico, que interligam as pessoas num todo que envolve a biologia (corpo), a psicologia (mente e emoções) e a sociedade (contexto cultural). Esses aspectos interferem e influenciam um no outro, como uma rede da aranha estão interligados. Entender a pessoa na sua relação com a família, com a sociedade, com seus valores e crenças e o que preconiza a abordagem sistêmica, colaborando também com a compreensão e a transformação do indivíduo (BARRETO, 2008).

3.3.2 *Teoria da comunicação*

Segundo Gomes *et al.* (2014, p. 12),

A Teoria da Comunicação humana, na sua origem, engloba três dimensões: a sintaxe, a semântica e a pragmática. A sintaxe se refere à transmissão da informação; a semântica está relacionada ao significado dos símbolos; e a pragmática diz respeito aos aspectos comportamentais da comunicação. A teoria também apresenta o conceito da metacomunicação (comunicação sobre a comunicação) e o uso de mensagens congruentes ou incongruentes.

Aponta que o elemento que une indivíduos, família e a sociedade é a comunicação. Menciona que todo ato, verbal ou não, individual ou grupal, tem valor de comunicação, cheios de significados e sentidos ligados ao comportamento humano.

Discorre Barreto (2008) que a comunicação é um instrumento de transmissão de significados entre as pessoas, objetivando sua integração na organização social. É um processo participativo dos indivíduos ou grupos sociais nas experiências dos outros, usando elementos comuns, podendo ser percebida, como um elemento de união entre indivíduos, família e sociedade.

3.3.3 Antropologia cultural

A cultura é vista como um referencial importante, a partir do qual os membros de um grupo se baseiam para pensar, avaliar e discernir valores, sendo elemento fundamental na construção da identidade pessoal e grupal. Intervém de forma direta definição do que somos e quem é cada um de nós. Dessa forma, pode-se romper com a dominação e com a exclusão social que, muitas vezes, nos impõem uma identidade negativa ou baseada nos valores de outra cultura que não respeita a nossa (BRAGA, 2009).

Nessa percepção, a TCI tem como referencial importante os valores culturais e as crenças de uma comunidade, como significado da realização de um povo, a maneira de pensar, discernir valores e opções para o cotidiano. A cultura é a estrutura da nossa identidade, com isso assumir a própria identidade cultural representa um avanço na inserção social.

3.3.4 Pedagogia de Paulo Freire

O ato de aprender, segundo Freire (1987), está relacionado com a associação da teoria e que a realidade das histórias de vida também são fonte de saber. O conhecimento não está separado do contexto da vida. Argumenta que o educador ou terapeuta comunitário tem que assumir sua prática com carinho, apreço e identificação.

[...] a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente. (FREIRE, 1987, p. 68).

A libertação prática e não teórica que modifica a consciência do indivíduo tem como base o movimento de educação popular de Paulo Freire, e a terapia comunitária age pela base. A recuperação da autoestima das pessoas e da comunidade é o eixo principal dessa ação libertadora (FERREIRA FILHA; LAZARTE; DIAS, 2013).

3.3.5 Resiliência

Enfatiza que resiliência meta fundamental, pois identifica e suscita as capacidades dos indivíduos e comunidade para encontrar suas próprias soluções para superar dificuldades.

Barreto (2008, p. 66) expressa resiliência como “[...] quando a carência gera competência”. O enfrentamento das dificuldades produz um saber para superar as adversidades contextuais. Aqui vale lembrar o ditado: “A ostra que não foi ferida não produz pérolas”.

A resiliência é dos pilares teóricos do TCI tem como definição a capacidade de resistir à adversidade e de utilizá-la como fator de crescimento. Ser resiliente é agir, no presente, motivado por um projeto de vida e, não pelas perdas e danos resultantes dos traumas e dos reveses do passado. Resiliência é um conceito extraído da Física, sendo a “[...] propriedade de retornar à forma original após ter sido submetido a uma deformação ou a capacidade de recobrar ou se readaptar à má sorte, às mudanças” (SÓRIA *et al.*, 2006, p. 548).

Quando se aproxima a resiliência dentro dos estudos da TCI, percebe-se que, durante a roda de TCI, as pessoas tendem, de modo irresistível, a ajudar outros seres humanos a superar os mesmos problemas. Verifica-se que as pessoas resilientes usam suas experiências adquiridas para compreender melhor o outro sofrido pela vida e ter compaixão por ele (BARRETO, 2008).

3.4 Estágios da Terapia Comunitária Integrativa

A TCI é aplicada em qualquer espaço comunitário, tais como: escola, sindicato, posto de saúde, hospital, associações, pátio e até a sombra das árvores. Trata-se de uma tecnologia leve, de baixo custo, sendo realizada sempre em círculo (roda) para que as pessoas fiquem lado a lado, permitindo a horizontalização de saberes e a visualização de todos os participantes.

No âmbito da promoção da saúde mental, a TCI valoriza o saber popular e cria espaços para manifestação do sofrimento psíquico. Mais do que um espaço de terapia tradicional, favorece a formação de atores de saúde capacitados para a escuta dos sofrimentos e das inquietações dos indivíduos, em um ambiente de troca de experiências entre os pares. Os encontros são desenvolvidos em cinco etapas, são elas: acolhimento, escolha do tema, contextualização, problematização e encerramento.

Na primeira etapa, o acolhimento é dado às boas vindas pelo terapeuta e celebrado os aniversariantes do mês pelos participantes. O terapeuta informa o conceito da roda de terapia e explica seus objetivos, bem como utiliza dinâmicas de aquecimento, que ajudam a “quebrar o gelo” entre os participantes, criando um ambiente amigável e acolhedor para melhor integração do grupo. Nesse momento, são verbalizadas as regras de conduta da terapia, que são: fazer silêncio, falar da própria experiência, não dar conselhos e nem julgar, não falar segredos sugerir uma música, piada, poesia e conto que tenha alguma ligação com o tema.

A TCI se define como ato terapêutico em grupo, realizado com qualquer número de pessoas e por um terapeuta capacitado, e suas intervenções operam nas diversas redes que compõem as relações humanas (família, vizinhos, amigos e coletividade), estimulando o crescimento do indivíduo e promovendo a autonomia, consciência e corresponsabilidade.

A segunda etapa é a escolha do tema. Os participantes são estimulados a falar sobre suas inquietações do cotidiano, o que está causando sofrimento. Após esse momento, é feita uma síntese dos problemas apresentados para que o grupo escolha o tema a ser aprofundado. Essa escolha é feita por meio de uma votação no problema que houve mais identificação pelo grupo. A finalidade desta votação é propiciar o reconhecimento do grupo em relação ao tema, pois as pessoas só reconhecem no outro aquilo que reconhecem de si (BARRETO, 2008).

A contextualização é a terceira etapa, onde o terapeuta passa a palavra ao participante que teve o tema escolhido para que o mesmo fale, com mais detalhes, sobre seu sofrimento. O permitindo a utilização de perguntas pelos demais participantes a fim de facilitar a compreensão e o esclarecimento do problema dentro do seu contexto. As perguntas formuladas ajudam a pessoa que está falando do seu problema a refletir e atentar sobre a situação vivida, colocar dúvidas nas certezas e nas convicções, pois toda convicção é uma prisão (BARRETO, 2008).

Na quarta etapa, a problematização, o terapeuta pede para a pessoa que expôs seu sofrimento ficar em silêncio e lança uma pergunta-chave (mote) aos demais participantes, estimulando-os a partilharem suas estratégias utilizadas para enfrentar/superar problemas semelhantes àquele trazido para a roda. Durante a TCI, aquelas pessoas que têm experiências vividas semelhantes ou que apresentam alguma identificação com mote passam a refletir e de que modo foi enfrentada determinada situação de sofrimento, o que permite o nascimento de estratégias enfrentamento e superação que poderão ser usadas como resolução do problema (tema) escolhido.

No encerramento da etapa final da roda, os participantes são convidados a formar um círculo, com cada um apoiado no ombro do outro em movimentos suaves de um lado para o outro. Nesse movimento, o terapeuta atribui a conotação positiva a tudo que foi trabalhado no grupo, reconhece, agradece todo o esforço e a coragem dos relatos de cada um e valoriza a experiência adquirida no encontro. A execução desse momento permite a construção de redes sociais solidárias que unem cada indivíduo à comunidade. O término da sessão é o começo para a utilização dos recursos que a comunidade dispõe para a resolução dos seus problemas. Conclui-se que cada um torna-se terapeuta de si mesmo, a partir da escuta das histórias de vida que ali são relatadas. Todos se tornam corresponsáveis na busca de soluções e superação dos desafios do cotidiano (BARRETO, 2008).

Métodos

4 MÉTODOS

4.1 Tipo de estudo

A abordagem qualitativa foi selecionada por compreender o universo de significados, valores e crenças que não pode ser quantificado. Propõe-se traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social, assim como reduzir a distância entre indicador e indicado, teoria e dados e contexto e ação. Fundamentada em dados inferidos nas interações interpessoais, mediante a coparticipação dos informantes nas situações, e analisadas a partir da significação que esses dão às suas atitudes como objetivo de buscar dos significados da ação humana que constrói a história (MINAYO, 2007).

Na investigação da relação entre TCI e a promoção da saúde de alunos lusófonos, escolheu-se a história oral temática por ser uma modalidade de pesquisa que dá voz ao sujeito, devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. Mostra sua contribuição na produção do conhecimento, que se caracteriza, entre as várias possibilidades teórico-metodológicas de análise dos indivíduos sociais, por uma especial atenção aos segmentos de classe silenciados e subalternizados socialmente, priorizando suas raízes, seu cotidiano, o espaço da vida (GUIRALDELLI, 2003; MEIHY; HOLANDA, 2007).

História oral, segundo Meihy e Holanda (2007, p. 14), “[...] é um recurso moderno usado para a elaboração de registros, documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos”. Caracteriza-se por ser uma narrativa linear e individual daquilo que o participante considera significativo. Em vista a obtenção de dados que ultrapassem o caráter individual e penetrem a coletividade à qual o narrador pertence. Almeja-se uma relação de igualdade entre os pesquisadores e os participantes, para que estes fiquem à vontade para relatar o que quiserem. Os entrevistadores buscam manter o foco na escuta do indivíduo, observando como os entrevistados mantêm contato com as lembranças, bem como seus gestos e silêncios (LEVY, 2006).

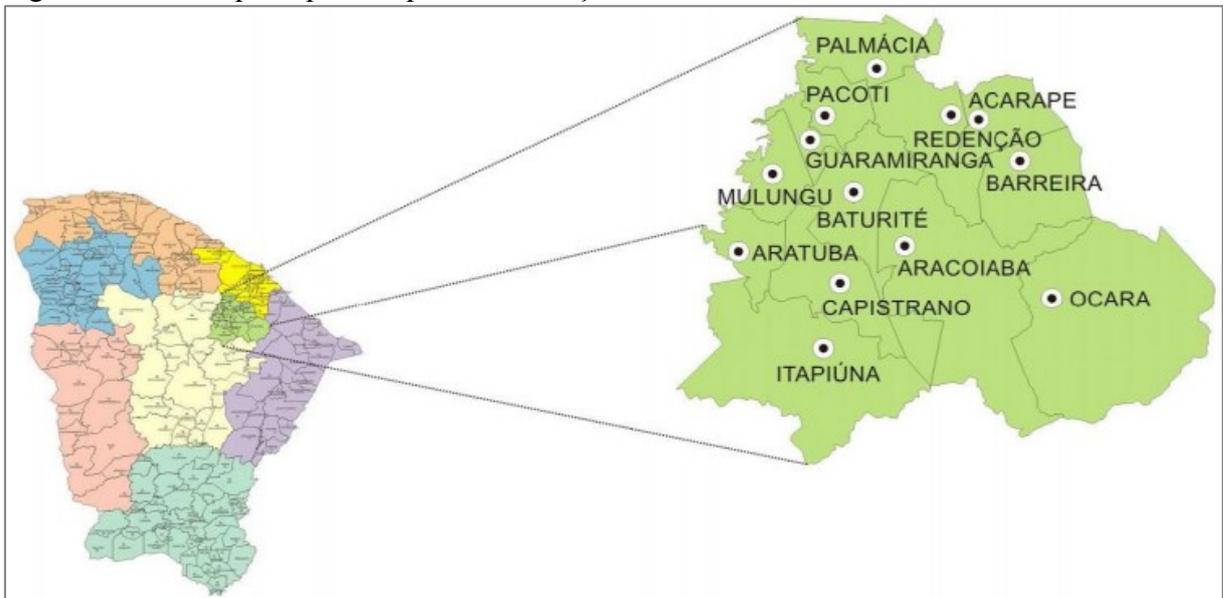
História oral, entretanto, é percebida por história viva e também como história dos contemporâneos, tendo que responder a um sentido de utilidade prática e imediata. Isto não quer dizer que ela se esgote no momento da apreensão e da eventual análise das entrevistas, pois mantém um compromisso de registro permanente que se projeta, sugerindo que outros possam usá-la. A relevância da história oral temática como método se dá pelo processo sistêmico de uso de depoimentos, vertidos de oral para escrito, onde são recolhidos

testemunhas e analisados processos sociais favorecendo o estudo de identidades e memória cultural (MEIHY; HOLANDA, 2007).

4.2 Cenário da pesquisa

O ambiente da realização da pesquisa foi no município de Redenção-CE e no *Campus* dos Palmares na UNILAB na região Nordeste do País. A escolha se deu por seleção dos alunos que julgaram ser o local mais adequado para a realização da coleta das informações em razão da facilidade do acesso.

Figura 4 – Municípios que compõem o Maciço de Baturité



Fonte: Secretaria do Planejamento e Gestão (CEARÁ, 2011).

Em articulação com o Governo do Estado e as prefeituras municipais das cidades da região, a UNILAB foi instalada no Maciço de Baturité, sendo a segunda universidade federal no estado do Ceará e composta por três *campi*, são eles: *Campus* da Liberdade e *Campus* das Auroras, em Redenção (CE); *Campus* dos Palmares, em Acarape (CE); e *Campus* dos Malês, em São Francisco do Conde (BA) (DIÓGENES; AGUIAR, 2013).

O Maciço de Baturité é situado no Sertão Central cearense (Figura 5) e composto por 13 municípios, são eles: Acarape, Aracoiaba, Aratuba, Barreira, Baturité, Capistrano, Guaramiranga, Itapiúna, Mulungu, Ocara, Pacoti, Palmácia e Redenção. É possível acessar as cidades por meio das rodovias CE-060, CE-065 e CE-356 (DIÓGENES; AGUIAR, 2013).

Figura 5 – Localização do município de Redenção-CE



Fonte: Redenção... (2019).

No Brasil, a cidade de Redenção foi primeira a libertar seus escravos. O município que possui potencial para o desenvolvimento da atividade turística seus principais atrativos estão relacionados à história da escravatura no Ceará, como o museu senzala negro liberto, o museu histórico e memorial da liberdade e o monumento “Negra Nua” (Figura 6), um dos símbolos do pioneirismo da abolição da escravatura no Brasil. Possui outras opções de lazer, como a visita aos balneários, a cachoeira e as igrejas.

Figura 6 – Monumento Negra Nua, na entrada do município de Redenção-CE



Fonte: Pimentel (2018).

A proposta da UNILAB procura garantir uma sintonia com as demandas do Brasil e das demais nações que integram a CPLP: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. Fundada em 2010, tem como objetivos ministrar o ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária. Sua missão institucional específica é formar profissionais e cidadãos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais Estados-Membros da CPLP, especialmente os países africanos e Timor-Leste, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional (DIÓGENES; AGUIAR, 2013).

4.3 Público-alvo

A história oral inicia-se com um projeto que é um instrumento norteador para planejar e delinear o trabalho da pesquisa. No desenvolvimento do estudo, é previsto identificar uma comunidade de destino (pessoas que partilham de uma identidade). Nesse caso, a comunidade (população do estudo) escolhida compõe-se de discentes regularmente matriculados na universidade lusófona, maiores de 18 anos com nacionalidade de algum país africano ou de Timor-Leste, com interesse e disponibilidade para participar das rodas de TCI. Foram excluídos do estudo os discentes que apresentassem algum outro motivo que inviabilize a participação nos grupos e/ou a realização da entrevista.

Os discentes lusófonos dos cursos de graduação foram convidados a fazer parte do grupo de TCI e da pesquisa por intermédio de contato em sala de aula. Os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa e foi assegurando o sigilo dos dados e a total liberdade em recusar a seguir como participante em qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou represália.

A formação da colônia (grupo menor inserido nessa comunidade) se deu por meio de convite aos alunos migrantes lusófonos para participar de 10 rodas de TCI no período de outubro de 2018 a março de 2019. Participaram dos encontros 91 pessoas, lembrando que a escolha dessa colônia tem relação com a proposta de investigação da pesquisa.

Na construção da rede que é uma subdivisão da colônia que visa a estabelecer parâmetros para decidir quem vai ser entrevistado ou não. A rede foi formada por seis alunos migrantes africanos que participaram das rodas de TCI e se disponibilizaram a participar do momento final da pesquisa com as entrevistas.

Determinou-se o tamanho da amostra do estudo a partir do número dos discentes que aceitaram participar de todo o processo do estudo. Acredita-se que mesmo com esse número reduzido, quando se alcançou a saturação das informações. A saturação de dados ocorre quando as informações compartilhadas com o pesquisador se tornam repetitivas, ou seja, as ideias transmitidas pelo participante foram compartilhadas antes por outros participantes, e a inclusão de outros participantes não resulta em ideias novas (LOBIONDO-WOOD; HABER, 2001).

O pesquisador determinou os sujeitos de acordo com sua subjetividade de experiências e objetivos da pesquisa. Esse número pode parecer reduzido para obter dados suficientes, mas a técnica de história de vida não pretende ser generalizante de experiências vividas, considerando que cada história é única.

4.4 Período e técnica de coleta de dados

Realizou-se a coleta dos dados no período de outubro de 2018 a março de 2019, intervalo em que ocorreram os encontros que eram, em média, quinzenais das rodas de TCI, totalizando um número de dez na sala de aula 12 do *Campus* dos Palmares. Ocorreram aproximadamente duas rodas de TCI por mês, possibilitando a organização dos encontros, o convite individual de cada participante e a reserva de espaço para a atividade.

No último mês da coleta dos dados, foram realizadas as entrevistas com os participantes, de maneira individual e em momentos reservados logo após o término das rodas de TCI ou em dias e horários pré-agendados com os discentes que aconteceu em salas de aula do *Campus* dos Palmares. Recorreu-se a um gravador portátil para viabilizar a recolha das histórias, auxiliando no momento das entrevistas.

O procedimento de coleta de dados obedeceu à sequência de três passos, quais sejam:

- *Primeiro passo* – Foram feitos o convite e a divulgação da realização das rodas de TCI para discentes estrangeiros, na tentativa de formar um grupo de alunos que se adequasse aos critérios de inclusão da pesquisa. Foi repassado para os acadêmicos interessados no estudo de que se tratava a TCI, os objetivos da pesquisa, os dias e horários dos encontros e demais informações e sanadas as dúvidas dos alunos;
- *Segundo passo* – A composição do material empírico foi mediante a realização de rodas de TCI realizadas quinzenalmente nos meses de outubro de 2018 a

março de 2019. A cada término da roda de TCI eram preenchidos pelo terapeuta comunitário impressos próprios (Registro das Rodas de Terapia Comunitária Sistêmica Integrativa) com informações sobre tema escolhido, número de participantes, motes e estratégias comunitárias, dados que serão analisados posteriormente;

- *Terceiro passo* – Na etapa final, foram utilizadas técnicas da história oral temática de Meihy e Holanda (2007), tanto para revelar como analisar os dados obtidos das entrevistas executadas através de aplicação de formulário com perguntas semiestruturada aos colaboradores que aceitaram participar da fase final.

Assim, a história oral temática foi obtida mediante as questões norteadoras, e o objetivo da utilização desta entrevista é deixar os discentes livres para relatar suas experiências de vida. O roteiro para entrevista (Apêndice A) foi elaborado considerando a vivência da pesquisadora e da orientadora, além da leitura de estudos.

Constou de duas partes, elaboradas levando-se o objetivo do instrumento, com questões norteadoras, são elas: (a) Informações de identificação pessoais: idade, sexo, cidade onde reside, nacionalidade e curso de graduação; (b) Perguntas relacionadas ao tema da pesquisa: chegada UNILAB, acontecimentos marcantes no período, problemas enfrentados diante da rotina universitária, mecanismos de enfrentamento das dificuldades e contribuições da TCI.

4.5 Análise e apresentação dos dados

A escolha do método ou técnica de análise da execução da pesquisa é o momento mais doloroso, pois acarreta ao pesquisado a responsabilidade da escolha adequada, visando a explorar os dados com toda sua riqueza e possibilidades (CAMPOS, 2004).

A metodologia da história oral é voltada à produção de narrativas como fontes do conhecimento, principalmente do saber, e “[...] compartilha o registro das lembranças, transforma a narrativa em processo compartilhado que inclui em si as seguintes dimensões: estímulo ao narrar, ato de contar e relembrar e disponibilidade para escutar” (DELGADO, 2003, p. 23).

Ainda segundo Meihy e Holanda (2007), a história oral está dividida em três modalidades, quais sejam: História oral de vida, conhecida como narrativa biográfica, que mostra a experiência de vida de uma pessoa; Tradição oral, que revela as estruturas e os

comportamentos de um grupo – o sujeito da pesquisa é sempre mais o coletivo em detrimento ao individual –; e História oral temática, que aborda um assunto específico pré-estabelecido, uma temática central, esclarecimento ou opinião do colaborador sobre algum conteúdo escolhido. Sendo esta última modalidade escolhida por melhor se adequar à proposta do estudo.

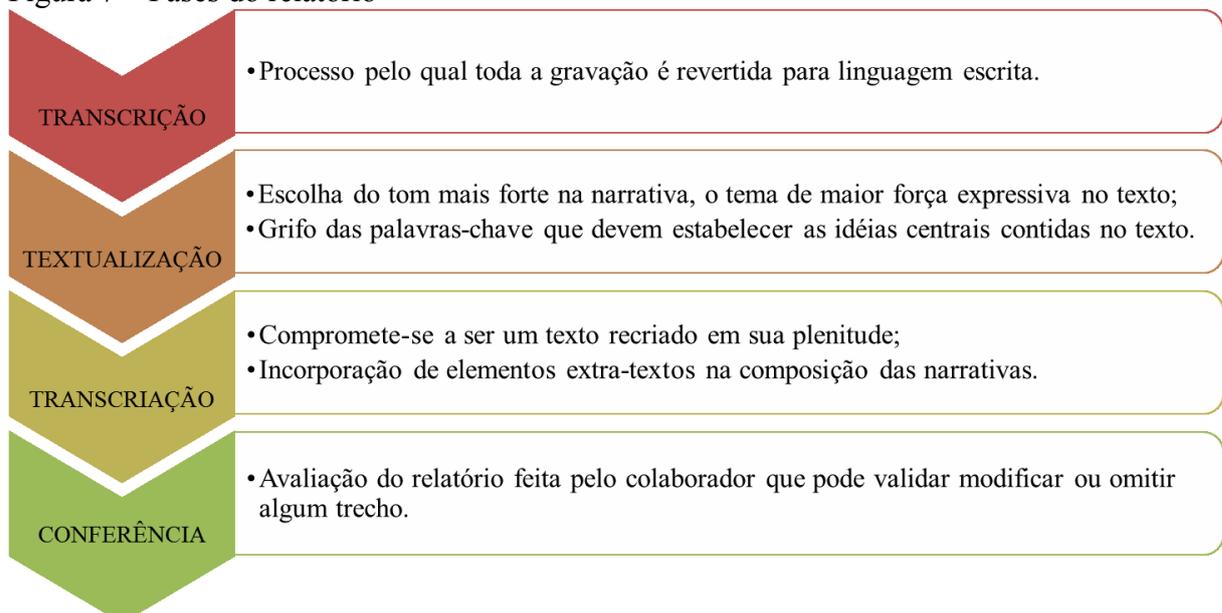
Na história oral temática, empregam-se a documentação oral e as fontes escritas, que também são cabíveis. Pode-se utilizar um questionário com questões capazes de atender ao que se busca. A participação do entrevistador como condutor dos trabalhos é mais evidente. E por tratar-se de um tema já estabelecido, a história oral temática oferece subsídios para que o pesquisador possa dar conta de esclarecer ou expressar sua opinião sobre o assunto, fazendo-se presente a objetividade (MEIHY; HOLANDA, 2007).

Vale ressaltar quão exaustivas, mas extremamente importantes, foram as etapas de coleta e organização dos dados, fazendo, assim, a análise fluir dos dados, justificando-se a realização de um período mais longo do estudo.

A história oral começa com um projeto que é um instrumento guia para planejar e delinear o trabalho em estudo e dá continuidade com o planejamento das entrevistas, gravações, autorização para uso, transcrição, textualização, transcrição, conferência, arquivamento e publicação dos resultados (MEIHY; HOLANDA, 2007).

Na Figura 7, especificam-se melhor algumas fases do relatório de projeto sugerido por Meihy e Holanda (2007).

Figura 7 – Fases do relatório



Fonte: Meihy e Holanda (2007).

A análise foi feita a partir da identificação do tom mais forte da narrativa, seguida da concepção dos eixos temáticos com bases nos propósitos da história oral temática de Meihy e Holanda (2007).

A seguir, apresenta-se a categorização do material empírico, sendo dividida em quatro eixos temáticos que emergiram a partir das histórias, quais sejam: “Da diáspora africana à receptividade no Brasil”, “O ambiente universitário lusófono e seus desafios”, “De onde vem essa força?” e “A Terapia Comunitária Integrativa como local de encontro, descobertas e cuidado”.

Como cada ser histórico singulariza a sociedade na qual está inserido, acredita-se que os depoimentos dos alunos lusófonos evidenciaram uma percepção verdadeira do real e do mundo ao seu redor. E, ao tornar pública sua percepção, está, de alguma maneira, contribuindo para o esclarecimento parcial de alguma situação.

4.6 Procedimentos éticos

O projeto de pesquisa atendeu às normas da Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), nos seus preceitos éticos, quais sejam: autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade (BRASIL, 2013).

O estudo foi previamente autorizado pela Pró-Reitoria de Graduação da UNILAB, uma vez que se tratava de estudo a ser realizado no âmbito da universidade e com discentes da instituição de ensino. Em seguida, o projeto foi apreciado e autorizado Comitê de Ética em Pesquisa da mesma universidade sob o número do parecer 2.932.335/CAAE: 91720718.0.0000.5576 (Anexo A).

Cada participante da pesquisa recebeu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) com informações do estudo, contemplando os objetivos da pesquisa e os riscos a que estavam vulneráveis.

O esclarecimento aos participantes compreendeu-se, inicialmente, na apresentação da pesquisadora e nas explicações sobre as rodas de TCI e que iriam participar nas entrevistas no último mês da coleta ao final do ciclo das rodas de TCI. Foi assegurado o anonimato de suas entrevistas, assim como informada a relevância da sua contribuição no fornecimento das informações. Por fim, enfatizou-se sobre a liberdade de participar ou não do estudo. Os discentes receberam nomes fictícios, nomes de rios dos países de origem, de acordo com o sexo, de modo a garantir a não identificação dos discentes lusófonos.

Desta maneira, o grupo de TCI tem como benefícios um espaço motivador de partilha de experiência de vida e saberes, onde existem regras funcionais que incentivam o respeito ao exercício democrático de cada um no grupo, impulsionando a consciência crítica, o despertar da resiliência e o próprio empoderamento do participante ao constituir-se capaz de contribuir com o outro.

Os riscos do estudo podem ser classificados em grau mínimo e de origem psicológica, podendo ocasionar algum desconforto, estresse emocional relacionado ao compartilhamento de suas experiências durante as rodas de TCI. Considerando também que o preenchimento de um formulário semiestruturado pode levar o participante à preocupação com divulgação dos seus dados confidenciais, será tomado para minimização do risco como identificar as falas com mudança do nome original por nomes de rios do país de origem. Foi colocada, também, a observação da necessidade de acompanhamento especializado para aluno(a) ser devidamente encaminhado(a) aos serviços de assistência aos discentes na UNILAB ou à Rede de Atenção Psicossocial do Município.

Narrativas

5 NARRATIVAS DOS DISCENTES LUSOFONOS

Neste capítulo do estudo são apresentados os relatos dos alunos lusófonos convidados para esta pesquisa. De cada relato, foi destacado o tom vital da narração e mencionada uma pequena descrição dos sujeitos. Iniciaram-se as narrativas apoiadas ao poema de OSHO sobre “O Rio e o Oceano”, por acreditar que a vida se assemelha aos desafios da jornada de um rio.

O RIO E O OCEANO

Diz-se que, mesmo antes de um rio cair no oceano ele treme de medo.

Olha para trás, para toda a jornada, os cumes, as montanhas, o longo caminho sinuoso através das florestas, através dos povoados, e vê à sua frente um oceano tão vasto que entrar nele nada mais é do que desaparecer para sempre.

Mas não há outra maneira. O rio não pode voltar. Ninguém pode voltar. Voltar é impossível na existência.

Você pode apenas ir em frente. O rio precisa se arriscar e entrar no oceano.

E somente quando ele entra no oceano é que o medo desaparece.

Porque apenas então o rio saberá que não se trata de desaparecer no oceano, mas tornar-se oceano.

Por um lado é desaparecimento e por outro lado é renascimento.

Assim somos nós.

Só podemos ir em frente e arriscar.

Coragem!! Avance firme e torne-se Oceano!!! (OSHO, 2016, *online*).

Para homenagear e, ainda, garantir sigilo aos sujeitos do estudo, identificaram-se os narradores com os nomes dos rios dos seus países de origem, quais sejam: Cacheu, Gumbela, Kufada, Caué, Geba e Abade.

5.1 Cacheu

[...] estou me tornando uma pessoa melhor, pude escutar a mim próprio, porque eu posso pensar que eu sou uma pessoa total, mais existe uma pessoa dentro de mim que tenho que escutar ainda mais, ter mais peso nas minhas decisões, nos meus pensamentos. (CACHEU).

Cacheu nasceu em Guiné-Bissau e tem 30 anos. Morou em Portugal por cinco anos e fez um curso de graduação, mas não concluiu, em virtude das dificuldades financeiras. Forte sotaque português, sorriso largo, simpático, solidário e educado. Esportista joga futebol e tênis de mesa, com os colegas internacionais. Relata sua escolha em estudar Engenharia de Energias no Brasil.

Na realidade eu vivia em Portugal, minha vida foi viver em Portugal, fazia um curso superior e já estava com dificuldade para pagar a faculdade, porque já tinha entrado por média, mas não tinha bolsa. Então fui passar férias em Guiné-Bissau e fui me inscrevendo em

várias instituições, que ofereciam bolsa de estudos e tudo mais, e inclusive fui procurar a embaixada do Brasil na Guiné-Bissau e surgiu a UNILAB. Então pensei... eu vou ao Brasil, eu vou pegar essa oportunidade, essa porta que se abriu, e consegui ajuda com meus familiares. Cheguei aqui para cursar Engenharia de Energias. Disse pra minha mãe, não importa cursar novamente, o que eu quero é o ensino superior. Aí surgiu a UNILAB na minha vida, graças a Deus.

Na verdade, não tinha noção pra que cidade eu vinha. Estudei muito sobre o Brasil e uma coisa marcante que aconteceu foi logo no aeroporto onde pude encontrar a mesma hospitalidade Guineense. Fui recebido por um grupo de estudantes guineenses que na altura já nem acreditavam que eu era guineense, pela aparência (risos) e eu estava com uma, uma blusa e short do Brasil, eu achava que eles eram, mas não, pelo sotaque eles falaram crioulo, e eu respondi, é, foi muito bom. No caminho de Fortaleza a Redenção, perguntei sobre as residências universitárias e foi me transmitido que havia um instituto. Um amigo lá que eu não conhecia logo se ofereceu-se para me receber em sua casa, e tudo mais, fiz uma grande amizade... Essas foram uma das coisas que eu levo muito no coração porque clima e coração de guineense é como estivéssemos lá, tudo a mesma coisa, o tratamento é muito marcante pra mim, ajudou bastante na adaptação.

Os problemas existem sempre, eu acredito que devem existir para dar o passo seguinte. E me deparei com situações contrárias aquelas que eu imaginava e tinha em mente, que não me foi falado, a integração não foi espontânea, o fuso horário dificultava muito, a própria alimentação era diferente, mas por outro lado o sentimento, a saudade, estar longe de casa isso foi complicado, muito complicado de lidar.

Tive um apoio por sinal muito, muito, muito grande quando eu mal cheguei, encontrei uma pessoa nos primeiros dias. Percebi que seus sonhos se encaixavam com o meus, quem encantou meus olhos, foi reciproco e nos apaixonamos, e namoramos, e, foi uma coisa que ajudava a cobrir todas as outras dificuldades, posso assim dizer. O nível acadêmico foi uma outra questão, eu digo etiqueta, entendeu assim como foi puxado outras línguas portuguesas, a forma de falar, como soa diferenciado “tu e você”, mas enfim cada país fala o seu português como um escritor disse: “[...] não existe uma língua portuguesa, existem várias línguas em português”, então cada qual tem seu jeito de falar. Mais aquela exigência por um falar acadêmico universitário, achava isso meio estranho, outra coisa, quando cheguei aqui já se tinha passado um mês meus colegas já estavam inteirados da situação, mas eu não, quando cheguei vi alunos de havaianas na sala de aula, shorts, como se fossem para praia, nada contra, mas não achei isso certo, mal-educado na minha percepção. Para mim, que fui

educado tanto em Guiné-Bissau quanto em Portugal, um professor ou professora é um pai ou uma mãe na sala de aula, então da forma que eu trato meus pais eu respeito meus professores, e aqui, o “palavreado”, eu sei que é costume das pessoas cearenses, mas acho que deveria ficar atrás da porta e não dentro da sala de aula. Há expressões que são muito fortes e enfim inclusive nós internacionais comentamos muito isso, a forma como os nacionais aqui não tratam bem o professor ou doutor. Mas eu fico contente, até agora nenhum estrangeiro ficou com essa desafeição. “Hô, Ana”, não, “professora Ana” ou “Doutora Ana” é mais respeitoso. Fico contente com o comportamento dos meus conterrâneos.

As coisas que aprendi nos encontros de Terapia comunitária foi escutar mais as pessoas, às vezes a gente fala demais, tenta dar opinião demais, e escuta-la eu já vi que é este o prêmio. Ao escutar o outro você está a catar experiência de outras pessoas, mesmo não tendo vivido aquela situação. Aprender a saber escutar o próprio corpo, como a doutora sempre disse, “[...] o que a boca não fala, o corpo fala”. Gostaria de continuar com a terapia comunitária (até no período de provas) e participar dessa terapia, agradeço muito.

5.2 Gumbela

[...] por mais que eu não fale com ninguém, mas nessa terapia eu consigo falar e me ouvir, aí estou sabendo onde eu estou falhando aí tento inverter, tapar esse furo para que não volte a acontecer mais (GUMBELA).

São-tomeense de 26 anos. José é acadêmico de Enfermagem. Sereno, comprometido com o que se propõe, segundo seus colegas tem o dom da escuta e compreensão. Joga basquete e futebol. Conta seus percalços da travessia da sua ilha até o Brasil.

Bem, eu tive conhecimento da UNILAB através do Centro Cultural Brasileiro de São Tomé. Anualmente sempre que abre o edital eles fazem propaganda avisando os interessados em participar e ao mesmo tempo eles falam um pouco como é a universidade, como é a realidade, a cultura que iremos encontrar aqui, aí foi assim que eu tive o contato.

No princípio pensava em estudar em Cuba, mas não deu certo e não hesitei. Então eu concorri pra UNILAB, fiz um teste e entreguei documentos exigidos, sempre temos uma burocracia a seguir;

Um dos fatos mais marcantes é a questão de choque cultural, por mais que eu já conhecesse a cultura brasileira vivenciei as diferenças em questão do clima, da alimentação e o tão falado preconceito, esses foram os impactos que mais me deparei, também me deparei

aqui com as dificuldades na convivência. O lazer quase totalmente diferente, aqui é um pouco mais monótono quase não se faz nada, não temos muita opção de lazer, comparando com São Tomé. Nossa opção é Academia ou jogar futebol, mas aqui tudo tem custo, a gente tem que tirar dinheiro entendeu?

Com relação à UNILAB, a única diferença é o estilo do ensino, a característica aqui é bem mais pesada comparada a universidade de São Tomé, porque antes de ingressar aqui, eu já frequentava o curso de Engenharia Eletrônica e Telecomunicações, e a carga horária comparada com aqui é bem diferente, é, muito mais corrido, muito mais pesquisa, é muito aperto e é muito mais estressante.

A forma como lido com os problemas na universidade é difícil de falar, eu não sou muito de conversar, então fico isolado, no meu canto, escutando, escuto música, ou então tento falar com o meu pai que a pessoa que eu consigo desabafar por mais que esteja distante e a pessoa que eu mais me sinto aliviado ao ouvir a voz, ele sempre foi assim, ele é meu o guia. Quando eu não consigo falar com meu pai fico meio paranoico, por mais que eu tenha essa aparência calma, mas no meu interior fica uma revolta enorme, essa que é a verdade.

Cresci numa família religiosa, normalmente o que eles me aconselham é prece, dizem para eu tentar confiar em Deus que tudo vai do certo, para não perder a esperança, ter calma e manter o foco para se estabilizar. Minha família é um presente, é minha força, eu observo o esforço que eles fazem e vem fazendo pra me manter. Sei que é um custo alto para me manter aqui durante esses 05 (cinco) anos, espero concluir durante esses cinco anos a faculdade, vejo o esforço, o empenho e a dedicação que os meus pais tem por mim, não só por mim, mas com todos os filhos, é o que me faz crescer rápido, levanta José e segue! Aí consigo, minha família é meu pilar, minha base.

Cada vez que eu falo no problema, eu sempre consigo achar uma solução para poder lidar com essa situação, o sempre aparece um parêntese, “José você está errando nisso, tente concertar” por mais que eu não fale com ninguém, mas nessa terapia eu consigo falar e me ouvir, aí estou sabendo onde eu estou falhando aí tento inverter, tapar esse furo para que não volte à acontecer mais. Eu sempre consigo ver onde é que falho, sei onde tenho de acertar, corrigir essas falhas e nessa terapia tenho grande apoio. Objetivo da terapia que eu creio é falar, escutar, tenta correr atrás da problemática para poder resolver.

Numa roda de amigos, dificilmente eu falo sobre problemas e dificilmente eu me abro com amigos próximos, é muito, muito raro. Alguém me aconselhou a procurar um psicólogo, disse que eu vou ter que sentar e me abrir com alguém, estrangeiros procurando psicólogo e tal!?...porque todo ser humano como se sabe tem seus problemas, e eu vou por

mais um problema meu para os psicólogos ouvirem?...tem essa questão, também não me abro muito por questão de confiança. Ficar falando estou passando por isto, por aquilo, não gosto, por isso fico mais na minha e não gosto de falar.

Com as rodas de Terapia Comunitária a gente se sente aliviado, não vou falar por todos, mas me sinto aliviado, quando eu falo coloco minha voz, já estou ouvindo sua voz, querendo ou não a gente tem que aprender a gente desperta, a gente abre o olho. Em São Tomé fala assim, “acordar pra vida” e isso ajuda, a Terapia ajuda a pessoa se conhecer, cada vez mais eu sou grato por isso, pouca coisa, mas pra mim foi muito (risos).

5.3 Kufada

[...] a cada encontro é um crescimento, porque as pessoas e as histórias de vida são muito diferentes. É difícil encontrar uma história de vida exatamente igual a sua, mas ouvindo a história de vida dos outros, isso te fortalece (KUFADA.)

Kufada, 27 anos, veio de Guiné-Bissau, há mais ou menos 5 anos. Cursa Enfermagem. Menina guerreira, decidida. Sempre a responder com um grande sorriso. Filhas de pais separados e humildes conta sua História de resiliência abaixo:

Soube da UNILAB através da embaixada do Brasil, porque eu morava na cidade e a minha casa não é longe da embaixada, era uns 500 metros, ia lá todas as tardes para navegar nas redes sociais, era no ano de 2012 eu tinha terminado o ensino médio e não tinha nada o que fazer, eu e minhas amigas íamos sempre à embaixada. Dentro da embaixada do Brasil tem um centro chamado Centro Cultural de Brasileiros, e dentro desse centro tem vários computadores, que a pessoa pode chegar e navegar no máximo uma hora, soube da UNILAB pelos seguranças que colocam o anuncio na vitrine do centro, fiquei interessada, entreguei os documentos, fiz o teste e passei.

Na minha vinda para o Brasil foi a minha primeira experiência fora de casa, não foi nada fácil, cheguei, e eu não sabia que não tinha residência universitária para o acolhimento dos estudantes. Aqui no Brasil fomos recebidas pelo Assistente Social, ficamos em um hotel em Fortaleza, passamos uns três dias e depois viemos pra Redenção. Do hotel fomos para o *Campus* da Liberdade e recebi da Assistente Social um colchão para procurar casa, imagine chegar numa cidade do interior e não conhecer ninguém, tinha os estudantes africanos, mas eram poucos porque era o terceiro ano da UNILAB e eu não conhecia ninguém, só uns africanos. Conheci assim de cara dois rapazes, mas só que eles não

aceitavam meninas, segundo as regras ficou inviável ser acolhida por esses rapazes. Resolvi no mesmo dia procurar casa.

Acarape também não tinha nenhum africano morando e todos os africanos tinham medo de morar no Acarape, porque segundo a lenda era mais perigoso do que Redenção. Então não conseguimos casas em Redenção e o jeito foi morar em Acarape. Moramos numa casa só com um colchão e foi muito difícil naquele momento não tinha esse negócio de hospedagem solidária e tutores, se virávamos sozinhos. Outra dificuldade foi a língua, eu entendia português, mas sotaque cearense e eu não entendia, foi uma coisa muito marcante. Graças a Deus no interior as pessoas, não estou dizendo que as pessoas que moram na cidade não são solidárias, mas no interior já são mais. Chegamos em Acarape e a dona da casa nos deu uma panela e deu também um pouco de arroz, nós fazíamos “vaquinha” para cozinhar. Passamos dois meses sem o auxílio. Adaptação foi tão difícil, o fuso horário, a comida, o sotaque são misturas de coisas que estão refletindo agora na minha vida, isso tudo trouxe dificuldades que refletiam de forma negativa nas minhas notas, e às vezes me causava reprovações em disciplinas que eram pré-requisitos de outras disciplinas.

Em 2017 eu estive doente, o que me impactou muito, eu estava numa disciplina, que era uma disciplina assim muito difícil, mas estava em um bom caminho e de repente fiquei doente. Fui para o hospital e avisei para a professora que eu estava doente, mandei a foto para ela, só uma forma de comprovar, porque eu estava cansada, em uso de oxigênio pelo cateter nasal e eu estava me sentindo muito mal. Em razão da doença, não conseguia me concentrar e tirei nota baixa. A reprovação impactou tanto na minha vida que eu fiquei dois semestres sem fazer essa disciplina foi o que me atrasou o curso, mas me considero uma pessoa resiliente e muito forte.

Na UNILAB, vivenciei vários problemas, problemas familiares, problemas psicológicos, problemas afetivos e problemas, enfim vários problemas. Sair do ensino médio para uma universidade é sair de uma fase adolescente para uma fase adulta, isso não depende da idade porque quem chega na universidade já é adulto, não pode se comportar como uma criança, ninguém vai pegar na tua mão para te orientar, ninguém vai te dar conselho. É uma fase adulta que você é obrigada a vivenciar. Primeiro que sair de casa, deixar as pessoas que você mais ama para enfrentar outra realidade em que você não tem ninguém para te amparar, é um sofrimento muito grande e às vezes você perde um ente querido e não tem condição de dar um adeus para essa pessoa. Você não tem o apoio de ninguém, e mesmo estando num curso que entende um pouco da psicologia da pessoa ninguém te ampara. Em 2018 faleceu minha sobrinha que eu amava tanto e nós cuidávamos dessa criança e depois ela veio a

falecer. Recebi a notícia da morte da minha sobrinha, próximo ao banheiro pelo colega que é meu vizinho em Guiné-Bissau. Aconteceu na sexta e na segunda eu tinha uma prova, mas meu mundo desabou, como eu iria me concentrar naquela hora pra fazer a prova, logo voltei pra sala comecei a chorar, peguei minha mochila e fui embora e a professora remarcou a prova pra mim. Faziam cinco anos que não via essa menina e de repente saber sobre seu falecimento e que eu não iria mais encontrá-la, é um sofrimento que não tem tamanho, só Deus para me ajudar ou me confortar, já enfrentei muitos problemas aqui.

Nosso tempo de permanência no programa é de cinco anos, que é uma coisa que eu acho justo, você não pode viver numa universidade. São cinco anos, mas depende do curso, porque tem cursos que são de quatro anos, mas eles as vezes dão a oportunidade para pessoa ficar mais um semestre. Este é um problema que estou passando porque o meu tempo terminou no programa e o meu pai é uma pessoa bem rígida parou de me ajudar financeiramente. E agora quem me ajuda é minha mãe, ela não tem aquela condição assim de me ajudar 100%, mas ela está fazendo o que pode. Para complementar a renda eu comecei a fazer meu negócio estou vendendo uns produtos de beleza e graças a Deus as pessoas compram muito, mas dá pagar meu aluguel e pra comprar outras coisas.

Para lidar com esses problemas eu conto com Deus, não entendo muito de religião, mas eu sempre acredito que tem um ser superior que ajuda, que é tão justo, eu sempre penso isso, e que sofrimento não é uma coisa eterna, alegria não é eterna e ninguém sofre a vida toda. Choro, quando a pessoa me faz alguma coisa, eu não choro na frente da pessoa que me fez mal não, eu sou uma pessoa assim, eu falo um pouco, meu olho fica bem lacrimejando, tento ficar o mais forte possível, aí choro pra caramba quando chego em casa. Mas outra coisa que eu devo respeitar e aceitar são minhas limitações, deixar de me comparar com outras pessoas. Felicidade não é eterna mágoa, raiva, problema, estresse nada é eterno e tem Deus superior que ajuda. Essas três coisas me guiam tanto... me dão força.

Bem, a minha mãe também é a minha base, ela é a pessoa que me encoraja tanto, ela me ajuda financeiramente, porque problemas financeiros todo mundo tem, mas graças a Deus, o meu eu consigo resolver na medida do possível. Minha mãe sempre fala comigo me pergunta das coisas e me dar força. Posso dizer assim... de onde que eu tiro a minha força? Da minha fé e da minha mãe.

A primeira vez que participei da Terapia Comunitária foi na Semana Universitária de Enfermagem e depois foi no grupo AMAR da professora Carol e a cada encontro é um crescimento, porque as pessoas e as histórias de vida são muito diferentes. É difícil encontrar uma história de vida exatamente igual a sua, mas ouvindo a história de vida dos outros, isso te

fortalece, porque eu posso perder meu pai e uma menina pode perder a mãe dela, mas o importante e como ela enfrenta esse problema são de modos diferentes, pai e mãe são os nossos ancestrais. Depende da sua percepção do problema, mas a pessoa te explica, passei por isso, mas dei a volta por cima, consegui dessa forma, não tem a receita pronta para o problema, mas ouvindo da pessoa isso vai te fortalecendo, porque nada no mundo é novo, tudo que aconteceu devia acontecer e aprendi numa Terapia Comunitária com uma terapeuta de Barreira, até que “[...] que tudo que acontece na vida, deve acontecer, pois se não aconteceu é porque não era para acontecer”. E essas palavras eu interpretei de várias formas, me ajudou a sair em vários momentos que eram abismos na minha vida, mas consegui por causa dessas palavras, porque eu acredito no poder da palavra, a terapia comunitária foi muito importante na minha vida me deu muitos exemplos de vida pra eu seguir.

Eu aprendi muito, muito com a Terapia Comunitária que é uma coisa imensurável. Acho muito legal se eu for para Guiné-Bissau com certeza eu vou levar, porque não depende da estrutura, mas força de vontade e paciência tu consegue qualquer coisa. Outra coisa que aprendi foi sobre as regras do grupo, ninguém pode dar conselhos e ninguém pode dá exemplo do fulano ou do cicrano, tem que dar o seu exemplo e falar dos seus acontecimentos que provavelmente pode ser uma saída para pessoa que está precisando. Outro momento muito importante da Terapia Comunitária é a votação dos problemas das pessoas, não é escolher o maior problema, mas o que as pessoas mais se identificam. É importante também ouvir como cada um aprendeu a superar os problemas, quais são as formas de enfrentamento que eles usam. Terminei essa entrevista sugerindo que informação sobre os dias de o grupo de Terapia Comunitária conste no próprio site da UNILAB para que todos os estudantes tenham a chance de participar, não ficar assim só para os estudantes da enfermagem e aos amigos desses estudantes.

5.4 Caué

[...] Então esse problema que estou passando não é um bicho de sete cabeças, é algo normal que pode acontecer com todo mundo. E graças a essa reunião da terapia, consegui pegar esse problema e consegui resolvê-lo de uma forma tranquila. (CAUÉ).

Garoto tranquilo de 24 anos e proveniente de São Tomé e Príncipe. Participante ativo das terapias. Gosta muito de ler, Cursa Engenharia de Energias e revela sua história de travessia do continente Africano até o Brasil.

Bem, anteriormente o meu sonho era vir aqui no Brasil, mas informações de pessoas que estudavam aqui falavam que estudar no Brasil era muito complicado em razão dos custos financeiros, para poder estudar aqui, tem que pagar casa, universidade e outras coisas. Mas tenho uma prima que morava e estudava em Fortaleza e fazia veterinária. Encontrei-a em São Tomé de férias, eu já tinha terminado o meu ensino médio e estava procurando vagas para estudar, e aí perguntei: – Opa, lá no Brasil não tem uma universidade que eles dão bolsa ou vaga ou uma cidade que tem custo de vida menor? Ela falou na UNILAB e orientou passar na embaixada para obter mais informações e foi assim que eu soube da UNILAB. Eles me explicaram tudo. A gente passa por um processo de pré-seleção onde eles fazem média da nota do ensino médio e o curso que eu pretendo escolher. Solicitam toda uma documentação e se tiver um documento faltando já dão como indeferido. Passei pelo primeiro processo e o segundo era um teste da língua portuguesa. Ao passar em todas as etapas só faltava as passagens que foram custeadas pelos meus familiares.

Bem, eu cheguei no Brasil e “nossa!!!”, é propriamente um mundo novo, porque eu nunca tinha viajado antes. Cheguei ao Aeroporto Pinto Martins encontrei os tutores e eles perguntaram como fora a viagem, foi uma coisa boa. Fomos encaminhados ao ônibus para a viagem para Redenção que durou uma hora e meia. Quando chegamos já era noite e ficamos na pousada. Quando levantamos de manhã, aquele impacto “pá!!!” cidade de Redenção. Tive informações mentirosas que a cidade havia muitos prédios, arranha-céus. No primeiro contato percebi que não era aquilo que eu imaginava, mas mesmo assim descobri uma cidade bonita e tranquila.

Um grande impacto que tive na minha chegada em Redenção foi em relação violência, porque eu já sabia que o país era perigoso. Fiquei com medo de andar na rua, fui orientado para ter cuidado. Quando olho, vejo policiais com armas bem grandes, com óculos e olhavam pra esquerda e pra direita como se eles estivessem esperando alguém. No mesmo momento tive medo e vontade de voltar para casa. Foi quando um colega disse: “Ah não, quando os homens de carro forte trazem dinheiro, quando eles vão depositar dinheiro nos caixas, eles fazem esse tipo de operação, para evitar assalto”. Outro episódio onde tive medo foi quando estava na pousada a noite e escuto um barulho “pa, pa, pa”. Todas as pessoas da pousada correram e se esconderam embaixo da cama, dentro banheiro e todo mundo entrou em pânico, mas a equipe que trabalhava na pousada disse “[...] não gente isso é normal aqui, como se fosse um explosivo inofensivo”, eram bombinhas e não tiros.

A visita a Fortaleza também foi um evento muito marcante. Estava precisando trocar dinheiro e não estava conseguindo em Redenção. Fui procurar um angolano que me

indicaram “Opa, eu troco dinheiro aqui”, era de dólar pra reais, aí ele disse “Eu troco, para quando e quanto você está precisando?”. Naquele momento ele não tinha o valor, então perguntou se eu tinha disponibilidade para ir a Fortaleza com ele poderia me ajudar. Com bastante medo, peguei a mochila, coloquei um calção, depois coloquei uma calça, coloquei o celular dentro. Quando chego na casa do angolano fiquei espantado, eles estavam à vontade com celular e carteira no bolso e sem mochilas. Então ele disse “Você meu patrão não se preocupe, você está andando comigo, você está seguro”. Chegamos em Fortaleza fomos ao Shopping. Realizamos o câmbio. De volta ele me explicou “[...] é o seguinte aqui em Fortaleza, só te assaltam se você demonstrar o medo, ou também se você tem alguma coisa que vai atrair eles”. Esse rapaz me ajudou bastante, teve paciência, foi um impacto a sua solidariedade, porque uma pessoa de outra nacionalidade me ajudou e me passou segurança no momento que eu mais precisava.

Inicialmente, nos primeiros anos da graduação não tinha nenhuma dificuldade ou problemas, na universidade o meu tempo era para estudos, estudava sozinho, estudava com os colegas, conseguia passar nas cadeiras, as contas de casa e conseguia sempre pagar e o dinheiro que meus familiares enviavam eu sempre guardava. Eu não tinha estresse, não tinha nada, a única coisa que me perturbava é que pessoas tentam inventar coisas da minha vida. Pessoas aqui, que conheciam minha família e inventavam coisas. Minha irmã me telefonou dizendo que tinha recebido uma informação que eu estava me transformando, estava virando bandido. Isso tudo porque eu deixei o cabelo crescer e depois eu trancei por três dias. Eu estava experimentando, não virando bandido.

Agora depois de 4 anos é que surgiram muitas inquietações. Estava com dificuldades porque não conseguia passar em algumas cadeiras, ficava estressado porque outra pessoa passou e eu não. Os colegas do curso de engenharia só se importam qual o valor da sua nota, “opa você tirou quanto?” tirei cinco, “eu tirei nove sou melhor que você”. Comecei a ficar tão preocupado com os estudos, com a parte amorosa, amigos... Na parte financeira precisava comprar algumas coisas básicas, tênis, roupas, umas coisas assim, tinha momento que o dinheiro não chegava pra isso. A preocupação aumentou porque estou na reta final é muita coisa e eu tenho que terminar. Tento fazer tudo de pressa, tudo rápido pra ver se consigo terminar no prazo em cinco anos. Estudar eu não conseguia, não conseguia fazer absolutamente nada. Coloquei minha cabeça no lugar e fui de férias ao meu país para ver meus familiares. Recebi conselhos dos meus familiares, falaram monte de coisa mesmo e saí depois de cabeça erguida.

Refleti e decidi “[...] não vou mais me preocupar com o termino do meu curso, vou me preocupar em estudar e fazer minhas cadeiras”. A parte amorosa veio a complicar também. Pensei “[...] preciso de uma coisa para me acalmar”. Não estava estudando direto e minha cabeça estava começando a ficar descontrolada. Descobri esse grupo AMAR e com a meditação e Terapia Comunitária, comecei a participar isso me ajudou bastante, isso me mantinha mais calmo, com concentração para fazer as coisas.

Hoje eu enfrento os problemas com serenidade. Quando os problemas aparecem tento pensar em todas as possibilidades de resolver esse problema, mas de uma maneira mais fácil possível sem envolver outras coisas, então pronto, eu pegava esse problema, eu conseguia resolver com calma e se eu não conseguir eu peço ajuda a outra pessoa. O que sempre me ajuda é a meditação e a terapia, se fizer meditação na faculdade ou em casa, consigo fazer tudo de boa, sem nenhum estresse. Meus colegas perguntam: “Caué tu não se preocupas com nada?”, e eu respondo: “Vai dar certo”. Enfim, só resolvo meus problemas com calma mesmo, com calma e muita.

Pois a primeira vez quando participei da terapia entendi que você expõe suas inquietações, que tem regras que nós temos que seguir. Quando eu exponho meu problema e as pessoas dizem “epa”, também passei por isso, fiz isso e consegui superar, então eu escuto as pessoas, procuro falar mais sobre meus problemas e depois ouço mais opiniões. Então concluo que isso não é um bicho de sete cabeças que estou passando, é algo normal que pode acontecer com todo mundo. E graças a essa reunião da terapia, consegui entender meu problema e consegui resolve-lo de uma forma tranquila. Percebo que a terapia me ajudou, contribuiu bastante mesmo.

5.5 Geba

[...] uma das formas que eu consegui achar para superar esse sofrimento, passar os problemas, aliviar o meu sofrimento é cuidar de mim mesmo, da minha saúde mental. (Geba).

Menina de sorriso largo com certa timidez no falar. Nascida em Guiné-Bissau, 23 anos. Hoje no segundo semestre do curso de Enfermagem conta sobre sua vida universitária e o enfrentamento de seus problemas.

Primeiro vou iniciar dizendo como conheci a UNILAB antes de eu chegar aqui. Foi assim... foi através dos amigos que eu fiquei conhecendo essa universidade, falaram comigo que tinha uma universidade no Brasil, chamada UNILAB, que dava bolsas para

estudantes internacionais. Passei no processo de seleção e de teste. Fui aprovada em todas as etapas. A chegada aqui no Brasil foi muito boa, fui muito bem recebida. Fomos recepcionados com uma atividade chamada de SAMBA, onde participei e aprendi várias coisas. Aprendi muito com a minha professora da disciplina Inserção à vida universitária que explicou como funciona a universidade, como posso me dirigir a qualquer universidade para resolver problemas.

Acontecimentos que me marcaram muito foi o SAMBA que foi um momento muito, muito impressionante porque eu fui bem recebida. Foi uma das coisas que me impactaram. Outro momento que me trouxe muito medo foi quando eu cheguei aqui no primeiro semestre logo, houve notícia de roubo e isso me fez ficar com muito medo (risos). Através dessas notícias de assalto, tive dificuldades no convívio pois, tinha muito medo mesmo.

Logo no primeiro momento eu tinha muitos probleminhas em relação à comida, coisas que eu comia apresentavam sinais de alergias no meu corpo. Comecei a evitar certas comidas, tinha que prevenir, com o tempo não tinha mais esse problema. Estranhei muito a comida, eu não sentia vontade de comer, no primeiro momento, mas agora já estou habituada e já estou gostando. Sou Guineense, lá em Guiné-Bissau, nem sempre falo português, frequentemente falo crioulo que nossa língua materna, nosso idioma. Falamos português nas repartições, nas escolas e nas instituições. A dificuldade com a língua portuguesa do Brasil me trouxe problemas no meu aprendizado. As provas, todos os dias de provas, fico muito preocupada. Nosso horário na faculdade é manhã e tarde, não tenho tempo suficiente para descansar. E fico com dificuldades para dormir e aparece a insônia.

Para lidar com os problemas procuro me aconselhar com os amigos, também com o grupo que funciona aqui na universidade chamado AMAR que é o grupo da meditação e terapia, que eu cheguei a participar que é muito interessante, e isso me fez ficar muito bem mesmo, relaxei até que esqueci aquela perturbação de provas (risos). Com a terapia aprendi muito, primeira vez que participei foi na disciplina de psicologia aplicada a Enfermagem. Explica como alguém pode superar o sofrimento e uma das formas que eu consegui achar, como superar esse sofrimento, passar os problemas, aliviar o meu sofrimento é cuidar de mim mesmo, da minha saúde mental.

Procuro forças dentro de mim para superar os problemas, mas não é só dentro de mim, é através dessa terapia, que me ajudou muito (risos). Percebi a contribuição da TCI na melhor da minha capacidade pra agir perante os problemas que eu enfrento aqui, naquele

momento que cada qual explica como é que supera os problemas dele, escuto e uso para superar os mesmos. É isso (risos).

5.6 Abade

[...] você fala sobre problema que está passando, você ouve como os outros estão passando, você ouve como elas enfrentam. Você se identifica e colabora. A terapia comunitária é espaço de reunir forças, você uniu, não só uni, oferece forças pra outras pessoas. (ABADE).

Lusófono, 24 anos é São-tomeense. Acadêmico de enfermagem, comunicativo, festivo compartilha alegria com todos ao seu redor. Gosta de dançar e de práticas esportista. Seus planos estavam voltados para os estudos em Portugal, mas soube da UNILAB e resolveu atravessar o oceano Atlântico.

Minha chegada à UNILAB foi através da embaixada do Brasil em São Tomé e Príncipe, que é meu país, é onde todos os anos eles fazem divulgação de oportunidades para estudar no Brasil, me escrevi e me submeteram a uma redação em português, deu certo, fui aprovado corri atrás das coisas, que é comprar passagem, organizar viagem, a organizar a questão do visto tem que ser pago na embaixada, e pronto, todo aquele processo que eles estabelecem consegui correr atrás, e deu certo.

Em São Tomé estou trazendo a realidade de São Tomé, uma grande maioria dos adolescentes quer sair, estudar fora, então já é um processo, quando você termina já fica ansioso para você conseguir sair, são várias oportunidades, você pode ir, tem saídas para Cuba para fazer medicina, tem saídas pra Marrocos, tem saídas pra Turquia, tipo assim depende, é de acordo com a parceria dos nossos países, cada país oferece oportunidades. Taiwan oferece oportunidade de estudo. Assim meus planos não eram vir ao Brasil, entende? Meu plano estava traçado para ir pra Portugal, só que não deu certo, perdi um ano, e não quero correr o risco de tentar perder mais outro ano, então vim para tentar no Brasil, e deu certo.

Assim teve muita coisa positiva e negativa, mais assim, é, se eu for falar de tudo, eu posso dizer que esses acontecimentos, eles melhoraram muito, como também a questão da minha maturidade ao vir morar em um país que eu não conhecia sua história e sua gente. Então, o processo de adaptação foi umas maiores questões. Acontecimentos marcantes foram amigos, lugares que conheci, oportunidades que vivenciei aqui na UNILAB, lugares que nunca imaginei estar. Em relação acontecimentos negativos a questão do preconceito. E a dificuldade tem me ajudado a me tornar uma pessoa melhor, a amadurecer.

Graças a Deus não tenho nenhum tipo de problema dentro da faculdade. O que me afeta um pouco, seria mais os problemas pessoais fora da faculdade, mas assim, com a UNILAB em si, as disciplinas e estudo não tenho problema.

Para enfrentar os problemas assim a gente como é da área de saúde, já aprendemos algumas condutas. Tento me esforçar, por exemplo, não se abalar, procurar ajuda quando necessário e dialogar sempre. Tirar o foco do problema, buscar distração. Procuro fazer então coisas que eu gosto como: viajar, sair, se divertir, ir em lugares diferentes, fazer amizades diferentes, conversar com alguém novo. Aprendi que os problemas financeiros se resolvem com o tempo, o tempo para conseguir lidar com aquilo e conseguir ser melhor.

De onde tiro forças? De tudo que enfrentei no percurso árduo que eu já fiz, porque assim, a gente batalha muito, eu falo não só eu, acho todas as pessoas. Conseguir entrar na faculdade é uma batalha, então, se você chega até aqui vai se deixar derrotar? Penso ao contrário, busco motivação... sabe aquela força!?...eu vou conseguir, eu vou conquistar, porque eu quero, porque eu tenho objetivo, eu quero estar num patamar alto e, acima de tudo que eu enfrento, porque eu quero, então é isso que eu vou fazer, não vou me abater, vou seguir em frente.

A terapia Comunitária melhorou muito, muito, muito, se pensar até que é uma coisa besta, mas não é, porque é um espaço onde você tem oportunidade de ouvir outras realidades. Você fala sobre problema que está passando, você ouve como os outros estão passando, você ouve como elas enfrentam. Você se identifica e colabora. A terapia comunitária é espaço de reunir forças, você uni, não só uni, oferece forças pra outras pessoas. A experiência foi boa desde o primeiro dia que eu fiz, a primeira foi muito boa, foi na sala de aula que a gente fez terapia comunitária, depois eu passei pelo grupo AMAR por algumas sessões em virtude de momentos bem difíceis que estava passando. Fazer essa terapia deixa você mais tranquilo, mais alegre, assim é muito bom mesmo, eu recomendo, é positivo isso.

Apreciando as Histórias

6 APRECIANDO AS HISTÓRIAS

Nesta seção, descrevem-se os achados da pesquisa e discutem-se as descrições advindas das narrativas dos discentes lusófonos, correlacionando com os objetivos, promovendo discussões embasadas nas literaturas concernentes. Por meio do material obtido nas histórias narradas a partir das entrevistas, dividiu-se o material em quatro eixos, quais sejam: “Da diáspora africana à receptividade no Brasil”, “O ambiente universitário e seus desafios”, “De onde vem essa força?” e “A Terapia Comunitária Integrativa como local de encontro, descobertas e cuidado”.

6.1 Da diáspora africana à receptividade no Brasil

O termo “diáspora”, segundo o dicionário, se define como “dispersão”, deslocamento, normalmente forçado ou incentivado, de grandes massas populacionais originárias de uma zona determinada para várias áreas de acolhimento distintas. Em termos gerais, está relacionado à dispersão de qualquer povo ou etnia, usado com muita frequência para fazer referência à dispersão do povo judaico.

Diáspora pode ser entendida como um conceito com múltiplos significados. Em termos gerais o termo diáspora tem designado a dispersão forçada do povo africano pelo mundo atlântico especialmente no hemisfério ocidental. Por extensão, o termo passou a ser estendido a processos históricos semelhantes tanto no Mediterrâneo quanto nos mundos do Oceano Índico. O surgimento deste conceito foi originalmente tirado da bíblia a partir das traduções gregas, baseando-se na etimologia muito citada do termo do grego dia que significa “semear” ou “dispersão”.

A ideia de diáspora atualmente vem sendo utilizada à dispersão de comunidades negras e afrodescendentes em redor do mundo esse movimento gera identidades formadas e localizadas em diferentes lugares. A diáspora africana não é um fenômeno novo, mas um processo histórico que se desenvolveu de distintas maneiras: fluxos migratórios em virtude de questões climáticas no interior da África,

[...] processos violentos da islamização, conflitos entre os diferentes impérios e reinos, até o recente processo de colonização que se iniciou com a invasão do continente pelas potências coloniais, levando seu povo a deslocar-se constantemente. (TCHAM, 2012, p. 12).

Os estudos transnacionais argumentam que os novos imigrantes constroem suas relações sociais no interior de uma rede que se estende através das fronteiras dos estados nacionais. No mundo das diásporas e dos transmigrantes, as pessoas têm seus pertencimentos profissionais. Esses jovens africanos deixam seus países de origens na pretensão de obter um diploma e diferenciados, se vinculando a mais de um estado-nação. As redes de relacionamento dos membros das comunidades de Diáspora estão voltadas para a manutenção do grupo nas sociedades hospedeiras, sem comprometer os laços com o país de origem (TRAJANO FILHO, 2005).

Diáspora africana, para Langa (2016), no estado do Ceará, se dá à crescente presença de estudantes africanos no contexto da migração estudantil internacional oriundos de Angola, Cabo-Verde, Camarões, Guiné-Bissau, Moçambique, Nigéria, República Democrática do Congo, São-Tomé e Príncipe, Senegal. Pertencentes a vários grupos, tais sujeitos apresentam identidades multiculturais e distinções de várias, entre os 18 e 35 anos de idade, oriundos de regiões subsaarianas, majoritariamente do sexo masculino, predominantemente Bissau-guineenses e Cabo-verdianos.

Um novo perfil de Diáspora espontânea ou induzida está sendo formado pela juventude africana aqueles que buscam realizar o sonho de fazer um curso de graduação e de pós-graduação na procura de uma qualificação retornar para contribuir com o processo de construção de uma sociedade sustentável no seu próprio país. Verificamos através dos discursos como foi essa decisão e trajetória até a chegada ao Brasil.

Em São Tomé estou trazendo a realidade de São Tomé, uma grande maioria dos adolescentes querem sair, estudar fora, então já é um processo, quando você termina já fica ansioso para você conseguir sair, são várias oportunidades, você pode ir, tem saídas pra Cuba pra fazer medicina, tem saídas pra Marrocos, tem saídas pra Turquia, tipo assim depende, é de acordo com a parceria e com que cada país oferece de oportunidades (ABADE).

A gente passa por um processo de pré-seleção onde eles fazem média da nota do ensino médio e o curso que eu pretendo escolher. Solicitam toda uma documentação e se tiver um documento faltando já dão como indeferidos. Passei pelo primeiro processo e o segundo era um teste da língua portuguesa. Ao passar em todas as etapas só faltava as passagens que foram custeadas pelos meus familiares. (CAUÉ).

O Processo Seletivo de Estudantes Estrangeiros (PSEE) desses alunos é feito por meio de edital e mais recente o programa UNILAB do governo brasileiro efetivado através de acordos bilaterais e regras específicas de seleção e “Alguns contam com bolsas de estudo do governo brasileiro, outros com bolsas de seus próprios governos e, por vezes, contam com o apoio financeiro da família ou de membros da família que estão em África” (GUSMÃO, 2011, p. 196).

Em caso de aprovação, o candidato matriculado poderá participar de editais para concorrer às bolsas de iniciação científica, monitoria, Programa de Educação Tutorial (PET), Pulsar, Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e extensão, bem como à assistência estudantil de acordo com as regras específicas a serem publicadas pela universidade. A matrícula do candidato aprovado no PSEE não lhe assegura o direito de receber qualquer modalidade de bolsa ou de auxílio assistencial na UNILAB. A oferta de auxílios do Programa Nacional de Assistência Estudantil depende de disponibilidade orçamentária.

Poderão concorrer a uma vaga no Processo Seletivo de Estudantes Estrangeiros, candidatos que tiverem nacionalidade e forem residentes em seu país de seleção, a saber Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste; que tenham, no mínimo, 18 (dezoito) anos completos; que concluíram o Ensino Secundário (Médio); que possua Bilhete de Identidade válido; não tenham sido beneficiados com qualquer bolsa ou programa da República Federativa do Brasil; não tenham concluído qualquer curso superior em instituição pública no Brasil. E para concorrer às vagas do PSEE, os candidatos devem apresentar os históricos escolares do Ensino Secundário (Médio) com médias aritméticas específicas determinadas para cada país da seleção. Alguns países aplicam provas de proficiências para estudantes da CPLP e Redação.

A força motriz que impulsiona esses jovens é a busca por algo que não se encontra no seu país de origem. Provenientes de países africanos em processo de reconstrução em consequências de guerras e lutas recentes, esses jovens saem de sua terra natal em busca de oportunidade e educação. As migrações, segundo Correia Junior *et al.* (2017, p. 261), “[...] acontecem por diversos fatores, como por exemplo, econômicos, busca por emprego, melhores salários e condições de vida, e por questões relacionadas aos refugiados políticos, religiosos e étnicos”.

Para descrever esse novo fenômeno, novas denominações surgem como trajetória nômade-estudantil, imigração temporária, imigração provocada e exílio circunstancial. De acordo com Gusmão (2011, p. 193),

[...] esses sujeitos atravessam fronteiras e desterritorializam-se numa vida aparentemente sem destino claro, mas cujo ir e vir no mundo globalizado constitui uma realidade, cada vez mais visível, mas nem sempre reconhecida. Os Estados envolvidos, os órgãos públicos responsáveis, as instituições de ensino superior que, por força dos acordos, se abrem para recebê-los, todos partilham em alguma medida de uma situação comum: o pouco ou quase nenhum conhecimento sobre quem são esses jovens, o que pensam, como vivem, quais seus desejos [...].

Os imigrantes temporários atravessam o oceano atlântico e compartilham dos mesmos sonhos e expectativas. Os sujeitos da pesquisa relatam boa receptividade por seus pares e pelos nacionais, discorrem sobre o primeiro contato em terras brasileiras.

A chegada aqui no Brasil foi muito boa, fui muito bem recebida. Fomos recepcionados com uma atividade chamada de SAMBA, onde participei e aprendi várias coisas. Aprendi muito com a minha professora da inserção da vida universitária (tutora) que explicou como funciona a universidade, como posso me dirigir a qualquer que seja o núcleo da universidade para resolver problemas (GEBBA).

[...]uma coisa marcante que aconteceu foi logo no aeroporto onde pude encontrar a mesma hospitalidade Guineense. Fui recebido por um grupo de estudantes guineenses que na altura já nem acreditavam.[...] Essas foram uma das coisas que eu levo muito no coração porque clima e coração de guineense é como estivéssemos lá, tudo a mesma coisa, o tratamento é muito marcante pra mim, ajudou bastante na adaptação (CACHEU).

Na UNILAB a recepção desses calouros é feita no aeroporto junto alunos migrantes veteranos das diversas nacionalidades e tutores que vão orientar os novos estudantes sobre o universo acadêmico. Esse modelo de acolhimento é elogiado pelos entrevistados que mencionam a satisfação com a chegada ao Brasil.

A propósito na literatura são poucas as pesquisas acadêmicas em relação às temáticas africanas no Brasil e quando relacionamos à questão da receptividade dessa população não temos relatos encontrados. Atentamos que a satisfação e bem-estar com chegada na UNILAB se dá pela percepção do ambiente hospitaleiro e a presença dos seus iguais na recepção e orientação sobre o funcionamento e a estrutura da universidade.

6.2 O ambiente universitário lusófono e seus desafios

As experiências vividas por jovens estudantes durante seu ingresso na universidade é uma fase entre a adolescência e vida adulta correlacionada com alterações e adaptações classificadas como fase complexa e multidimensional (ARTIGAS; MOREIRA; CAMPOS, 2017).

Mencionam Andrade e Teixeira (2017), a existência de fatores que impactam na dedicação aos estudos e na permanência ao curso são as dificuldades financeira, a necessidades de trabalhar para sustentar a família, a falta de infraestrutura de moradia e ambiente de estudo, dificuldades para deslocamento para universidade, má alimentação e indisponibilidade para deixar os filhos aos cuidados com outras pessoas.

No caso dos estudantes imigrantes temporários conviver com as dificuldades comuns a universitários além de viver o “[...] contexto de estar fora de lugar, ser africano, ser negro e viver a diáspora na terra dos outros” (GUSMÃO, 2011, p. 195).

Depois do que foi mencionado sobre as dificuldades de adaptação de universitários no Brasil pelos estudiosos, vejamos através das entrevistas quais são os percalços e eventos impactantes listados pelos discentes lusófonos:

Primeiro que sair de casa, deixar as pessoas que você mais ama pra enfrentar outra realidade em que você não tem ninguém pra te amparar, é um sofrimento [...]. Adaptação foi tão difícil, o fuso horário, a comida sotaque são misturas de coisas que estão refletindo agora na minha vida, isso tudo trouxe dificuldades que refletiam de forma negativa nas minhas notas [...]. Você não tem o apoio de ninguém, e mesmo estando num curso que entende um pouco da psicologia da pessoa ninguém te ampara. (KUFADA).

Os problemas existem sempre, eu acredito que devem existir para dar o passo seguinte. E me deparei com situações contrárias aquelas que eu imaginava e tinha em mente, que não me foi falado, a integração não foi espontânea, o fuso horário dificultava muito, a própria alimentação era diferente, mas por outro lado o sentimento, a saudade, estar longe de casa isso foi complicado, muito complicado de lidar. (CACHEU).

Os depoentes discorrem sobre a falta de apoio da universidade nas questões da sensação de desamparo causada pelo o distanciamento da família. O acesso à universidade é na maioria das vezes, a primeira vez em que o indivíduo enfrenta o dilema da separação familiar e parental. Isto pode evidenciar problemas emocionais para alguns alunos, contribuindo para o aumento dos de estresse e ansiedade (FERRAZ; PEREIRA, 2002).

Uma vez que não é fácil adentrar nesse universo novo, repleto de dúvidas, medos, questionamentos e inseguranças. Na maioria são ainda jovens e saindo de casa pela primeira vez, já iniciando esse desafio por uma distância tão grande – a de um continente – com cultura diferente, em um país de muitos costumes, a população é muito heterogênea e a diferença entre regiões é relevante até para pessoas com nacionalidade brasileira.

Argumenta Langa (2017), que estudantes africanos sofrem da “síndrome de Ulisses” ou “síndrome do imigrante”, nomenclatura utilizada para explicar transtornos relativos aos imigrantes, com os seguintes sintomas: baixa autoestima, sensação de estar indefeso, medo, estresse crônico, depressão.

Neste contexto da diáspora, os estudantes passam a sofrer com a sensação de desamparo e ruptura familiar e social. Apesar de sozinho e tendo que dar continuidade à sua rotina, o discente estrangeiro tem receio de fracassar e retornar ao seu país como vencido. No seu prisma, fatores como o estresse, a língua não materna falada no cotidiano,

fragmentação da família e o cenário urbano devem ser tomados como fatores que podem levar o sujeito a um processo de desenraizamento (ruptura com as raízes de origem) na imigração.

Logo no primeiro momento eu tinha muitos probleminhas em relação à comida, coisas que eu comia apresentavam sinais de alergias no meu corpo. Comecei a evitar certas comidas, tinha que prevenir, com o tempo não tinha mais esse problema. Estranhei muito a comida, eu não sentia vontade de comer, no primeiro momento, mas agora já estou habituada, já estou gostando. (GEBÁ).

Demonstra a estudante que o primeiro estranhamento foi com a alimentação brasileira levando ao adoecimento, mas que com persistência conseguiu transpor esse obstáculo. Conforme Maalouf (2005), esse estranhamento pode apresentar três aspectos: estranhamento de si mesmo, o estranhamento em relação ao ambiente e o de ser estranho para o ambiente.

Maalouf (2005, p. 165) revela que o estranhamento é uma experiência importante e gera marcas no imigrante, mas “A diferença da língua, da sonoridade, da geografia, do clima, dos hábitos, das crenças, da comida, dos valores, do modo de se vestir, trazem um experiência significativa de um novo e diferente modo de ser”.

Cabe aqui ressaltar a existência de correlações entre migração e distúrbios que afetam o corpo e a própria saúde mental dos indivíduos. A depoente conta sua experiência em vivenciar um momento de morbidade e todas as consequências desse episódio na sua vida universitária.

[...] Fui parar no hospital e avisei para a professora que eu estava doente, mandei a foto pra ela, só uma forma de comprovar, porque eu estava cansada, em uso de oxigênio pelo cateter nasal e eu estava sentindo muito mal. Devido a doença não conseguia me concentrar e tirei nota baixa. A reprovação impactou tanto na minha vida que eu fiquei dois semestres sem fazer essa disciplina foi o que me atrasou o curso, mas me considero uma pessoa resiliente e muito forte. (KUFADA).

No Brasil e no estado do Ceará, os imigrantes temporários têm que enfrentar sozinhos o acesso aos serviços do SUS, ficando a mercê de um sistema precário de atendimento com longas filas, principalmente em relação a procedimentos cirúrgicos, dificuldades no acesso e falta de remédios (LANGA, 2017).

Os desafios começam pela distância de sua rede de apoio que é a família, parentes e amigos. Em Redenção-CE, eles contam com atendimento primário de saúde com as equipes de Estratégia de Saúde da Família (ESF) e com um único hospital secundário de saúde. Se caso necessitem utilizar serviços mais complexos precisam se deslocar em busca desse atendimento em Fortaleza. Para casos mais simples a Universidade conta com serviço de saúde para os estudantes que realiza atendimentos e encaminhamentos quando necessário –

Núcleo de Assistência à Saúde do Estudante. Paralelamente descreve Padilha (2013, p. 55): “[...] vários estudos assinalam que a saúde dos imigrantes nem sempre está numa situação de desvantagem quando comparada com os nacionais de cada país. Depende tanto das características e das condições dos migrantes como da população autóctone”.

Aponta Padilha (2013), que aspectos da sociedade de acolhida tem um papel de influenciar a relação de saúde desse migrante como: trabalho ou ocupação em que estão inseridos, os riscos associados, os padrões de alimentação e nutrição, os horários e o clima, as condições de habitação e a sua localização, o grau de abertura da sociedade à interculturalidade.

Os imigrantes apresentam diferentes padrões de mortalidade, doenças, condições específicas e estado de saúde, por um lado, e, por outro, diferentes padrões de utilização dos serviços de saúde. Por um lado, verifica-se a subutilização da prevenção e promoção, e a sobreutilização dos serviços de urgência, situação que pode estar relacionada com os vários fatores que influenciam a acessibilidade, e por outro lado, confere-se que os desafios da saúde dos descendentes de imigrantes são ainda maiores, situação relacionada com a estigmatização e com outros fatores de riscos. (PADILHA, 2013, p. 55).

Desta maneira, Langa (2017) discorre que o racismo e as dificuldades de comunicação com os profissionais de saúde constituem outros desafios que estes sujeitos encontram no acesso ao SUS, pois os estudantes migrantes africanos vivenciam situações de preconceito e dificuldades de comunicação com profissionais de saúde quando tentam acessar as unidades de saúde e se sentem constrangidos com os olhares e falas de outros usuários dos serviços de saúde.

Contudo Langa (2017) argumenta que nas sociedades africanas, temos a simultaneidade de diversos sistemas de saúde: biomédico estatal, tradicional (curandeiros, feiticeiros e ervanários), religioso (cristão, evangélico, islâmico e africano), saberes populares, entre outros. Todavia o que oferecemos para estudantes integrantes da PALOP é um sistema de saúde voltado ao modelo biomédico em contraponto a medicina tradicional existente na África.

Na cultura africana, a saúde é vista como harmonia e equilíbrio entre antepassados, familiares e vizinhos. A harmonia com os ancestrais cria um manto de proteção contra os males, sejam eles naturais ou provocados por pessoas. Quando não se cumpre os rituais necessários, a pessoa ou o grupo adocece (LANGA, 2017).

Os narradores falam do estranhamento com a cultura brasileira levando em conta o clima, a alimentação, o processo de adaptação e a convivência nos seus discursos como fatos impactantes na chegada ao Brasil, mas apenas dois estudantes comentam a questão do

preconceito sem aprofundamento do assunto. Um racismo meio velado, encoberto por outras queixas de maior notoriedade. Observem os relatos abaixo:

[...] Um dos fatos marcantes é questão de choque de cultural, por mais que eu já conhecesse a cultura brasileira vivenciei as diferenças em questão do clima, da alimentação e o tão falado preconceito, isso foi um dos impactos que mais, me deparei, mas deparei aqui com as dificuldades na convivência (GUMBELA).

[...] Vim morar em um país que não conhecia sua história e sua gente. Então o processo de adaptação foi umas maiores questões. Acontecimentos marcantes foram amigos, lugares que conheci, oportunidades que vivenciei aqui na UNILAB, lugares que nunca imaginei estar. Em relação acontecimentos negativos a questão do preconceito. (ABADE).

No cenário escolar, a discriminação racial se faz presente e o silêncio é um dos rituais pedagógicos por meio do qual ela se expressa.

Não se pode confundir esse silêncio com o desconhecimento sobre o assunto ou a sua invisibilidade. É preciso colocá-lo no contexto do racismo ambíguo brasileiro e do mito da democracia racial e sua expressão na realidade social e escolar. O silêncio diz de algo que se sabe, mas não se quer falar ou é impedido de falar. (GOMES, 2012, p. 105).

A invisibilidade dos sujeitos se acentua quando, esses sujeitos além de “estrangeiros”, são “pobres” e “negros”. Assim, para deixar de serem sujeitos sem rosto necessitam lutar por seus direitos junto à sociedade nacional, por meio de entidades civis e religiosas que lhe oferecem apoio social, econômicos, jurídicos e legais (GUSMÃO, 2008).

De acordo com a declaração sobre a raça e os preconceitos raciais da Organização das Nações Unidas (ONU), de 1978, o racismo engloba ideologias racistas, atitudes fundadas nos preconceitos raciais, comportamentos discriminatórios, disposições estruturais e práticas institucionalizadas que provocam desigualdade racial. (BRASIL, 2018, *online*).

Portanto, os imigrantes temporários que vieram para estudar no Brasil não foram excluídos do racismo muitos, pelo contrário sofrem muito com a questão do racismo. É corriqueiro a dificuldade dos brasileiros em chamá-los pelos nomes, mas sim pelo trivial de “negão” esquecendo sua nacionalidade e por muitas vezes chamando-o de “Africano” categorizando um continente e não seu país de origem (LANGA, 2017).

Na convivência no dia a dia com os estudantes universitários é comum perceber que eles, na sua maioria, se incomodam em ser generalizados como africanos, uma vez que cada País é de uma cultura única, diferente das demais, grandes são as diferenças entre eles e segundos os alunos, não se pode generalizar e unificar em uma coisa só, como em geral fazem os brasileiros por não ter conhecimento no assunto e nas diferenças entre tantos países e culturas generalizam pelo continente africano na forma de se reportar aos estrangeiros.

A discriminação por parte dos brasileiros não configura apenas com relação à origem e a cor, mas pela alegação dos estudantes africanos serem beneficiados pelos acordos bilaterais de seus países com o Brasil, o que lhes facilita o acesso à educação, especificamente de nível superior. O privilégio soa como uma ofensa, pois para os nacionais o ingresso em uma universidade exige superar barreiras bem maiores (GUSMÃO, 2011).

A UNILAB foi planejada e nasce como espaço de vínculo de conhecimento sobre Brasil e África com o objetivo de produzir e disseminar o saber universal, na perspectiva de ampliar o relacionamento e o conhecimento sobre o mundo de Língua Oficial Portuguesa. Ela concentra o maior número de estudantes de nível superior da PALOP. No seu processo seletivo prevê 50% de alunos africanos e 50% dos alunos brasileiros. Pretende ser um espaço de difusão das culturas dos países parceiros, respeitando e valorizando as diversidades culturais por meio de práticas e vivências sociais, culturais, esportivas e artísticas (DIÓGENES; AGUIAR, 2013). Acreditamos que com essa concepção e preocupação a UNILAB consegue ser um local acolhedor para os estudantes imigrantes africanos por reconhecer e respeitar as diferenças entre povos e culturas.

Na universidade onde africanos apresentam diferentes configurações identitárias, atentemos abaixo:

Minha irmã me telefonou dizendo que tinha recebido uma informação que eu estava me transformando, estava virando bandido. Isso tudo porque eu deixei o cabelo crescer e depois eu trançei por três dias. Eu estava experimentando, não virando bandido (CAUÉ).

O narrador acima discorre sobre suas transformações e mudanças de cabelo durante o período de graduação em busca de um estilo ou identidade. Além da roupa ser um requisito importante na identificação o cabelo revela ser um adereço considerável. Os homens africanos deixam o cabelo crescer, trançando-os ou fazendo em estilo *dreadlocks* ou rastafári. Uns tendem aproximação da cultura ocidental e os outros procuram reafirma sua identidade raiz. Contextualiza Langa (2017, p. 56):

[...] que o encontro com alteridade racial e cultural em Fortaleza, ocorre através do encontro a diversidade de gênero e sexualidade e a convivência com estudantes de outros países africanos resultam processos de ressignificação identitária. Nessas negociações parte dos indivíduos adota um modo de ser e estar mais próximo a cultura ocidental e brasileira, enquanto que outros tentam reforçar suas identidades enquanto africanas.

A nova forma de vestir-se, comportar-se contrasta Gusmão (2011), causa estranhamento pra si, para aqueles que ficaram no antigo mundo e também para aqueles que

estão no novo mundo. Consideram-se sujeitos modernos, globalizados com novas perspectivas e valores diferentes dos seus valores tradicionais. Em busca de estudos e qualificação profissional já não se reconhecem dali e nem da terra onde estão.

A preocupação aumentou porque estou na reta final é muita coisa e eu tenho que terminar. Tento fazer tudo de pressa, tudo rápido para ver se consigo terminar no prazo em cinco anos (CAUÉ).

Este é um problema que estou passando porque o meu tempo terminou no programa e o meu pai é uma pessoa bem rígida parou de me ajudar financeiramente. E agora quem me ajuda é minha mãe, ela não tem aquela condição assim de me ajudar 100%, mas ela está fazendo o que pode (KUFADA).

Os estudantes imigrantes africanos tanto no país de origem como na terra de destino enfrentam desigualdades socioeconômicas, de discriminação e de exclusão social inerentes a pobreza, essas limitações dificultam o acesso à educação, ao emprego e à utilização dos serviços sociais e de saúde (GUSMÃO, 2011).

Fatores econômicos predisõem os estudantes a um sofrimento ou Transtornos Mentais Comuns (TMC). A prevalência se dá em alunos com baixa renda, com baixos níveis de educação e residentes em países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento (GRANER; RAMOS CERQUEIRA, 2019).

A UNILAB não possui residências universitárias. As despesas com hospedagem e alimentação são custeadas com ajuda de bolsas e quase sempre, os alunos, recebem ajuda financeira dos familiares para outros gastos. Os narradores demonstram preocupação com o tempo letivo porque as bolsas só duram o tempo exato da graduação. O aluno que não consegue se graduar em tempo hábil perde esse aporte financeiro.

[...]Um grande impacto que tive na minha chegada em Redenção foi em relação violência, porque eu já sabia que o país era perigoso. Fiquei com medo de andar na rua, fui orientado para ter cuidado (CAUÉ).

O narrador acima informa que antes de vir ao Brasil foi orientado sobre a violência no Brasil. No decorrer da sua entrevista informa sobre episódios de violência que presenciou no município de Redenção. Temeroso relata medo de sair na rua e de ir para capital Fortaleza. A segurança pública é mais um dos problemas enfrentados pelo brasileiro e pelos africanos residentes e estudantes no Ceará.

De acordo com o Atlas da Violência de 2018, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), em 2016, o Brasil está no patamar 30 vezes maior do que o da Europa, em razão do número de 62.517 assassinatos cometidos no País. Nessa década, 553 mil brasileiros perderam a vida por morte

violenta, um total de 153 mortes por dia. O medo do entrevistado não era em vão o número de mortes violentas é também um retrato da desigualdade racial no país, onde 71,5% das pessoas assassinadas são negras ou pardas.

As estatísticas são gritantes, de 2011 até 2016, a comunidade dos estudantes africanos no Ceará foi surpreendida com a morte bárbara de quatro estudantes de Cabo Verde. Em agosto de 2011, Jason Teixeira Hoffer Barreto, de 22 anos, foi agredido e espancado até a morte por cinco pessoas. No ano de 2015, faleceram os estudantes Paulo Romão, caboverdiano, de 24 anos, e Shwarzenegger Buchawald Vieira Monteiro, guineense, de 24 anos, ambos em acidentes de trânsito. Em julho de 2016, Vânia Fernandes, de 21 anos, foi encontrada morta com marca de tiro no carro do namorado, no bairro de Eusébio, na Grande Fortaleza (PEREIRA; QUADE; CORREIA JUNIOR, 2017).

Outra dificuldade foi a língua, eu entendia português, mas sotaque cearense e eu não entendia, foi uma coisa muito marcante. (KUFADA).

[...] a forma de falar, como soa diferenciado “tu e você”, mas enfim cada país fala o seu português como um escritor disse. Não existe uma língua portuguesa, existem várias línguas em português, então cada qual tem seu jeito de falar. [...]. Há expressões que são muito fortes e enfim inclusive nós internacionais comentamos muito isso, a forma como os nacionais aqui não tratam bem o professor ou doutor. (CACHEU).

Para admissão na universidade brasileira os estudantes migrantes passam por uma seleção e uma das etapas é a prova de português, mas ao chegar no Brasil se deparam com vários sotaques regionais que dificultam a compreensão da língua. A língua portuguesa, tal como falada e escrita no Brasil, é considerada um problema na inserção de muitos estudantes e é um principal indicador de sua posição de estrangeiros no Brasil. Nos dois primeiros meses de estudo são frequentes as reclamações em relação ao manejo da língua. Os discentes pouco se manifestam por temerem as censuras dos colegas de classe e professores. Mencionam a falta de tolerância de muitos professores com suas deficiências linguísticas, o que intensifica o quadro de insegurança e incertezas que marcam os primeiros meses de adaptação no Brasil (SILVA; MORAIS, 2012).

Percebe-se que, apesar de todos falarem a língua portuguesa, a língua ainda é um entrave na comunicação e na compreensão, há uma relação de diferença/igualdade com a língua portuguesa de Portugal, o que implica uma injunção a uma dupla interpretação do sentido de unidade para a língua do Brasil, esse fato é particularmente visível na construção do processo de comunicação e entendimento do outro como no processo da escrita. Os discentes na sua maioria, o seu português mais se aproxima do português de Portugal, fato

que muitas vezes também é causa da dificuldade no aprendizado e tem influência no rendimento acadêmico.

6.3 De onde vem essa força?

Considera-se um período estressante o âmbito universitário em virtude do processo de adaptação a um novo contexto social e educacional. O acúmulo de estressores pode levar o indivíduo a uma incapacidade em lidar e se reajustar com os problemas que podem induzir ao esgotamento físico e psicológico (FERRAZ; PEREIRA, 2002).

As dificuldades que os universitários enfrentam se dividem, em primeiro lugar, os problemas pessoais como a solidão, a saudade de casa, limitações nas competências sociais, timidez, instabilidade emocional e sexualidade. Em segundo lugar, existem os problemas acadêmicos como dificuldade de relacionamento com colegas e professores, rendimento escolar, competências de estudo, ansiedade legadas a situações de avaliação, falhas em exames, entre outros. Em terceiro lugar, há as questões financeiras e de gestão da casa tais como hábitos alimentares, acomodação e problemas relacionados à segurança (FERRAZ; PEREIRA, 2002).

E como lidar com essas dificuldades? Onde se encontra forças para o enfrentamento? Foram as perguntas direcionadas aos discentes lusófonos e essas foram as respostas:

A forma como lido com os problemas na universidade é difícil de falar, eu não sou muito de conversar, então fico isolado, no meu canto, escutando, escuto música, ou então tento falar com o meu pai que a pessoa que eu consigo desabafar por mais que esteja distante e a pessoa que eu e me sinto aliviado de ouvir a voz dele, ele sempre foi assim, ele é meu o guia. (GUMBELA).

Apesar da distância dos familiares, os discentes lusófonos procuram maneiras de estar sempre em contato com os entes por meio de contatos telefônicos e redes sociais. De acordo com Teixeira, Castro e Piccolo (2007), apoio emocional da família é um dos fatores que está associado a um melhor ajustamento dos jovens à vida universitária. Os fatores que colaboraram para diminuição do nível de estresse e depressão em universitários foram a reciprocidade mútua e a contínua troca de ideias com os pais.

Os jovens que se sentem emocionalmente apoiados por suas famílias são mais seguros e competentes socialmente e desenvolvem a capacidade de enfrentar a ansiedade envolvida na separação do ambiente familiar e no estabelecimento de novas relações dentro do ambiente universitário (TEIXEIRA; CASTRO; PICCOLO, 2007).

[...] Tento me esforçar, por exemplo, não se abalar, procurar ajuda quando necessário e dialogar sempre. Tirar o foco do problema, buscar distração. Procuo fazer então coisas que eu gosto com: viajar, sair, se divertir, ir em lugares diferentes, fazer amizades diferentes, conversar com alguém novo. Aprendi que os problemas financeiros se resolvem com o tempo, o tempo para conseguir lidar com aquilo e conseguir ser melhor (ABADE).

Na busca de distração e comunhão com seus conterrâneos os imigrantes temporários participam de festas para matar a saudades do país de origem. As festas são movidas com músicas oriundas dos países de origem e nacionais, comidas e danças típicas. Apresentam-se durante ao evento bem vestidos com roupas típicas sem receio de causar de estranhamento, exotismo, reprovação e observações constrangedoras. As festas têm função social, constituem momentos fundamentais de afirmação identitária (GUSMÃO, 2011).

Hoje eu enfrento os problemas com serenidade. Quando os problemas aparecem tento pensar em todas as possibilidades de resolver esse problema, mas de uma maneira mais fácil possível sem envolver outras coisas, então pronto, eu pegava esse problema, eu conseguia resolver com calma e se eu não conseguir eu peço ajuda outra pessoa (CAUÉ).

Percebemos no discurso do aluno que cursa os últimos semestres de Engenharia de Energias, um certo grau de maturidade diante da resolução de seus problemas essa “qualidade” nomeamos de resiliência. A adaptação/superação do indivíduo frente às adversidades é a definição básica da resiliência e o conceito de “*coping*” e frequentemente definido como estratégias utilizadas para adaptação de sujeitos em circunstância adversas e estressantes (TABOADA; LEGAL; MACHADO, 2006).

Com resultados em pesquisas, Werner e Smith (duas das pesquisadoras no tema de resiliência) identificaram uma série de fatores que caracterizavam os sujeitos resilientes dos não-resilientes são estes: autocontrole, um autoconceito mais positivo, uma atitude perante a vida mais educada e responsável (GRANER; RAMOS CERQUEIRA, 2019). Consideremos os fatores de resiliência busca estratégias (*coping*), observa-se o que a estudante utiliza para o enfrentamento dos problemas.

[...] Para lidar com esses problemas eu conto com Deus, não entendo muito de religião, mas eu sempre acredito que tem um ser superior que ajuda, que é tão justo, [...] aí choro pra caramba quando chego em casa. Mas outra coisa que eu devo respeitar e aceitar são minhas limitações, deixar de me comparar com outras pessoas (KUFADA).

Para lidar ou superar seus problemas a aluna lusófona conta com ajuda de Deus, entende que é um ser limitado e evita fazer comparações com a vida do outro. Fala sobre

Deus e sua justiça, mas diz não entender sobre religião. Para clarificar a diferença dos dois temas, apresentam-se os conceitos expostos por Lucchetti *et al.* (2011, p. 160):

Religião é o sistema organizado de crenças, práticas, rituais e símbolos designados para facilitar o acesso ao sagrado, ao transcendente (Deus, força maior, verdade suprema).

[...].

Espiritualidade é uma busca pessoal pelo entendimento de respostas a questões sobre a vida, seu significado e relações com o sagrado e transcendente, que podem ou não levar ao desenvolvimento de práticas religiosas ou formações de comunidades religiosas.

As estratégias de enfrentamento são categorizadas de acordo com suas funções e podem está concentrada no problema ou na emoção e são utilizadas para lidar com determinada situação estressora. O enfrentamento focado no problema constitui-se de estratégias ativas (planejamento e solução de problemas) de aproximação em relação ao estressor. A estratégia de enfrentamento focada na emoção tem como função a regulação da resposta emocional causada pelo estressor. O enfrentamento religioso pode estar relacionado tanto com as estratégias focadas no problema quanto com as estratégias focadas na emoção. A religiosidade/espiritualidade, por sua vez, constitui uma estratégia de enfrentamento importante diante de situações consideradas difíceis (FORNAZARI; FERREIRA, 2010).

Em uma revisão de sistemática, analisou estudos quantitativos de 1872 a 2010, onde traz evidências acerca da relação entre saúde e espiritualidade e evidenciou uma relação direta da espiritualidade com bem-estar e felicidade, esperança, otimismo e autoestima (JORDAN; BARBOSA, 2019).

Embora não tenha sido citado nas narrativas dos discentes, percebe-se na convivência com eles que a agregação entre eles próprios, em especial entre estudantes de uma mesma nacionalidade, também são importantes fontes de apoio no enfrentamento das dificuldades, onde uns se apoiam nos outros e vão seguindo construindo fortes vínculos.

6.4 A Terapia Comunitária Integrativa como local de encontro, descobertas e cuidado

6.4.1 O grande encontro do pesquisador com a Terapia Comunitária Integrativa

Durante uma visita institucional tive o privilégio de conhecer a TCI, em loco, no projeto Varas localizado na comunidade do Bairro Pirambu, visita guiada pelo criador da TCI Dr. Adalberto Barreira. Claro, fiquei encantada vislumbrando utilizar essa ferramenta para meu trabalho com pacientes no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) de Fortaleza-CE.

A partir de então percebi, enquanto Enfermeira, que aquela abordagem ou tecnologia leve poderia ser utilizada como instrumento de trabalho voltado para grupos e comunidades sem número limitado de participantes e sem a necessidade de muitos recursos técnicos e financeiros. Entrei no curso de formação em TCI em 2015 e em 2017 ingressei no mestrado de Enfermagem da UNILAB e fui convidada pela minha orientadora para participar do Grupo AMAR (Acolhimento, Meditação, Autocuidado e Relaxamento), consiste em um espaço de acolhimento para a comunidade acadêmica, aberto para funcionários e alunos de todos os cursos e surge da busca por equilíbrio, autoconhecimento e saúde do corpo e da mente.

Ao escutar várias Histórias da vida real de sofrimentos narrados por estudantes nacionais e internacionais na sala de aula a professora de Saúde Mental, orientadora do estudo, deu um “pontapé” a um projeto de pesquisa extensão intitulado AMAR voltado as práticas integrativas e complementares com a missão de ser um espaço de promoção da saúde entre estudantes lusófonos. As práticas de acolhimento, meditação e yoga são executadas uma vez por semana e é aberto ao público discente, docente e trabalhadores da universidade. Chegando à UNILAB e me identificando com a proposta do grupo de extensão, foi possível somar ao grupo e assim, iniciamos as rodas de TCI como espaço acolhimento dos inquietações gerados pelo ambiente universitário.

6.4.2 O encontro dos estudantes com a Terapia Comunitária Integrativa

Os dados descritos no Quadro 1, a seguir, foram obtidos das dez sessões de rodas de TCI. A cada término da roda de TCI foram preenchidos pelo terapeuta comunitário impressos próprios (Registro das Rodas de Terapia Comunitária Sistêmica Integrativa) com informações sobre tema escolhido, número de participantes, motes e estratégias comunitárias de enfrentamento/superação. Abaixo descritos os dados obtidos.

Quadro 1 – Síntese das rodas de Terapia Comunitária Integrativa no período de outubro de 2018 a março de 2019

Rodas de TCI	N. de participantes	Tema/Mote	Estratégias de enfrentamento
1ª Roda	07	Nervosismo	Fortalecimento/empoderamento; buscar redes solidárias; Espiritualidade/religiosidade; outros.
2ª Roda	06	Ansiedade	Fortalecimento/empoderamento; buscar redes solidárias;
3ª Roda	08	Conflito com amigos	Espiritualidade/religiosidade; outros
4ª Roda	13	Medo de perder ente querido	Buscar redes solidárias; fortalecimento/empoderamento;
5ª Roda	10	Estresse	Fortalecimento/empoderamento; Espiritualidade/religiosidade; autocuidado
6ª Roda	07	Ansioso em relação ao propósito de vida	Buscar redes solidárias; outros
7ª Roda	20	Estresse por falta de tempo	Buscar redes solidárias; espiritualidade/religiosidade; outros.
8ª Roda	05	Autocobrança causando estresse	Fortalecimento/empoderamento; buscar redes solidárias
9ª Roda	08	Sobrecarga da vida acadêmica	Fortalecimento/empoderamento; buscar redes solidárias; autocuidado; outros.
10ª Roda	07	Beira de ataque de nervos	Buscar redes solidárias; espiritualidade/religiosidade; outros.

Fonte: ????

Nesta ficha de registro já estão cadastrados e enumerados temas/motes e estratégias de enfrentamentos mais utilizadas em rodas. No caso das estratégias são classificados em: fortalecimento/empoderamento pessoal, buscar redes solidárias (amigos, família vizinhos, grupos de autoajuda), buscar ajuda religiosa ou espiritual, cuidar e se relacionar melhor com a família, buscar ajuda profissional (serviços públicos autocuidado, participar da TCI e outras estratégias (lazer, dançar, caminhar e praticar esportes). Na análise desses dados obtidos, observou-se que as rodas totalizaram 91 participantes dentre eles 61% mulheres, 49% homens entre as idades de 18 a 31 anos. Os temas comuns aos estudantes internacionais foram divididos conforme mostra a Tabela 2.

Tabela 2 – Distribuição dos principais temas relatados pelos estudantes africanos nos encontros de Terapia Comunitária Integrativa em Redenção-CE, no período de outubro de 2018 a março de 2019

Temas nos encontros de TCI	n.	%
Estresse	8	70
Medo	1	10
Conflitos de amigos	1	10
Total	10	100

Fonte: ????

Os dados mostram que o sofrimento mais presente entre os estudantes africanos é o estresse que, segundo o criador da TCI Adalberto Barreto, se congregam a essa categoria registros de situações de cansaço, medo, ansiedade, desamparo, desmotivação, os quais

podem levar cada vez mais ao nervosismo e a insônia comprometendo a qualidade de vida dos indivíduos (ROCHA *et al.*, 2013). Os alunos da UNILAB em sua maioria relatam estresse relacionado à sobrecarga de estudos, fatores econômicos e ao desemprego.

Comparando os dados obtidos acima com o estudo de Rocha *et al.* (2013), sobre uma pesquisa documental de caráter descritivo realizada no município de João Pessoa, na Paraíba, que teve como fonte de investigação fichas de organização das informações da Terapia Comunitária Integrativa. Das 776 fichas avaliadas 229 (29,5%) apresentavam como tema o estresse e conclui que estudos no Brasil mostram que o estresse é, em 70% dos casos, a causa de procura de serviços médicos sendo considerada uma grave questão socioeconômica e de saúde pública. E a TCI enquanto instrumento, permite ser revelado situações problemas que caracterizam a realidade da comunidade envolvida permitindo traçar assim condutas com maior poder de resolatividade.

Tabela 3 – Estratégias de enfrentamento sugeridas durante o encontro de Terapia Comunitária Integrativa entre estudantes africanos em Redenção-CE, no período de outubro de 2018 a março de 2019

Estratégias de enfrentamento	n.	%
Espiritualidade/religiosidade	5	19
Fortalecimento/empoderamento	6	23
Redes solidárias (família, amigos etc.)	8	31
Autocuidado	2	8
Outros	5	19
Total	26	100

Fonte: ????

A estratégia de enfrentamento mais utilizada relatada pelos estudantes africanos em oposição aos problemas/sofrimentos é a busca de apoio através das redes solidárias (família, amigos etc.). Apesar da distância da família, os estudantes buscam contato por meio de várias tecnologias (celulares, redes sociais, Skype etc.) com o objetivo de aproximar a família ao seu cotidiano e de obter apoio nos momentos difíceis.

Dessa maneira, as pessoas têm a família como uma referência fundamental na vida, no sentido de experiência de felicidade, suporte e promoção de equilíbrio pessoal. Ela, entretanto, também está associada a experiências de conflitos entre os membros, preocupações, solidão e sofrimento.

Os discurso dos dois estudantes fica claro que o primeiro contato com TCI foi através do grupo AMAR. Percebemos que os alunos lusófonos procuram o grupo AMAR na perspectiva de encontrar apoio para os problemas difíceis e ajuda para tranquilizar.

[...] experiência foi boa desde o primeiro dia que eu fiz, a primeiro foi muito boa, foi na sala de aula que a gente fez terapia comunitária, depois eu passei pelo grupo AMAR por algumas sessões devidas momentos bem difíceis que estava passando. Fazer essa terapia deixa você mais tranquilo, mais alegre, assim é muito bom mesmo, eu recomendo, é positivo isso. (ABADE).

Pensei “preciso de uma coisa para me acalmar”. Estava estudando direto minha cabeça estava começando a ficar descontrolada. Descobri esse grupo AMAR e com a meditação e Terapia Comunitária, comecei a participar isso me ajudou bastante, isso me mantinha mais calmo, concentração para fazer as coisas. (CAUÉ).

[...] primeira vez que participei foi na disciplina de psicologia aplicada a Enfermagem. Explica como alguém pode superar o sofrimento e uma das formas que eu consegui achar, como superar esse sofrimento, passar os problemas, aliviar o meu sofrimento é cuidar de mim mesmo e da minha saúde mental. (GEBÁ).

Observamos pelos relatos que os estudantes com dificuldades logo procuraram serviços dentro da universidade. A divulgação do serviço de apoio é algo de grande importância e dispõe que a assistência estudantil da universidade está voltada tanto para o desempenho acadêmico quanto para o desenvolvimento pessoal. Para divulgação do grupo AMAR, foram colocados cartazes afixados pelos *campi* universitários. Foi pedido o espaço ao professor durante a ministração da sala para informação sobre o grupo. Utilizou-se o *site* da própria universidade para fazer a divulgação. Nas informações e nos cartazes, deixou-se claro o local (“Não temos espaço físico estabelecido”). Atuou-se em sala de aula no período de 13 h às 14 h, às terças-feiras, no intervalo depois do almoço e, como estratégia, trabalhou-se na sala de aula próxima ao restaurante universitário para facilitar.

6.4.3 As descobertas

As descobertas e aprendizado compartilhados durante os encontros da TCI incentivam a autonomia dos sujeitos e permite o protagonismo do indivíduo na busca da superação de suas dificuldades, o que evidencia a capacidade resiliente de cada participante.

O conceito de resiliência para as ciências sociais representa a capacidade do indivíduo ou grupo de indivíduos, mesmo em condições desfavoráveis, construir-se e reconstruir-se em frente a adversidade (BARLACH, 2005).

Observamos os relatos dos estudantes africanos sobre esse aprendizado:

[...] as coisas que aprendi nos encontros de Terapia comunitária foi escutar mais as pessoas, as vezes a gente fala demais, tenta dar opinião demais, e escuta-la eu já vi que é este o prêmio. Ao escutar o outro você está a catar experiência de outras pessoas, mesmo não tendo vivido aquela situação. Aprender, a saber, escutar o próprio corpo, como a doutora sempre disse, “o que a boca não fala, o corpo fala”. (CACHEU)

[...] Quando eu exponho meu problema e as pessoas dizem “epa, também passei por isso, fiz isso e consegui superar” então eu escuto as pessoas, procuro falar mais sobre meus problemas e depois e ouço mais opiniões. Então concluo que isso não é

um bicho de sete cabeças que estou passando, é algo normal que pode acontecer com todo mundo. (CAUÉ).

[...] A terapia Comunitária melhorou muito, muito, muito, se pensar até que é uma coisa besta, mas não é, porque é um espaço onde você tem oportunidade de ouvir outras realidades. Você fala sobre problema que está passando, você ouve como os outros estão passando, você ouve como elas enfrentam. Você se identifica e colabora. A terapia comunitária é espaço de reunir forças, você uniu, não só uni, oferece forças pra outras pessoas (ABADE).

Na fala dos estudantes internacionais se enfatiza a importância da necessidade de escutar a experiência do outro. Aprendendo com sua história e com a história do outro. Os narradores se percebem no processo de oposições e de contradições do que é a vida. Observa o contexto da vida de cada um e as minúcias em que cada um foi sendo moldado, passando a ser um analista de si mesmo e das pessoas em redor, e não mais espectador passivo. Compreendendo que o outro conseguiu superar o problema, percebe que o seu problema tem solução ou que pode conviver com essa situação. Traduzindo com as palavras do aluno: “[...] concluo que não é um bicho de sete cabeças que eu estou passando é algo normal que pode acontecer com todo mundo”.

Durante a roda de TCI são debatidos não temas teóricos, mas sim problemas do cotidiano e sempre a partir de uma situação-problema que permite às pessoas descobrirem que também têm as soluções. No final da terapia, nasce ou se consolida uma rede de apoio solidária, que não tem como objetivo resolver os problemas das pessoas, mas criar e fomentar uma dinâmica da identificação. Essa rede tecida fortalece o poder resiliente e o empoderamento dos sujeitos e da comunidade (FERREIRA FILHA; LAZARTE; DIAS, 2013).

Enfatizam Barreto *et al.* (2011) que TCI não se concentra em resolver patologias e sim o sofrimento causado pelos eventos estressantes da vida cotidiana e sim criando espaços de partilha para que seja entendida ansiedade paralisante que traz riscos para a saúde. Na TCI, procuramos promover a saúde em espaços coletivos, e não combater a patologia individualmente. Pois, a partilha de experiências no grupo demonstra as possíveis estratégias de superação dos sofrimentos e estimula a comunidade a encontrar, nela mesma, as soluções dos seus conflitos.

Consideramos que a TCI inserida no ambiente universitário atuando junto aos estudantes africanos traz um espaço de visibilidade aqueles que estão invisíveis para a sociedade. Quem são? Quais suas origens e cultura? Quais os problemas vivenciados na terra do outro? Quais são os meios de adaptação/superação? Os registros de falas mostram os efeitos dos encontros e demonstram a importância da TCI como uma estratégia de promoção da saúde.

[...] por mais que eu não fale com ninguém, mas nessa terapia eu consigo falar e me ouvir, aí estou sabendo onde eu estou falhando, aí tento inverter, tapar esse furo para que não volte a acontecer mais. Eu sempre consigo ver onde é que falho, sei onde tenho de acertar, corrigir essas falhas nessa terapia tenho grande apoio. (GUMBELA).

A TCI revela como o estudante é corresponsável na criação das condições em que se vive e descobre recursos para emancipação daquilo que oprime, não se tornando a vítima, mais sim o autor da sua História. Se perceber como sujeito construtor do modo de vida, das relações sociais que dominam, mas também podem e devem libertar. Reconhecer a pessoa que se é e que se está sendo, o destino que se quer realizar. Ou seja: sujeito ativo, criativo, capaz autor das próprias escolhas e dono da própria vida. Tudo isto em movimento, ou seja: não mais a vida como passividade, submissão, aquiescência, mas como atividade, criatividade, compromisso consciente (FERREIRA FILHA; LAZARTE; DIAS, 2013).

Quando o ser humano assume ser o sujeito ativo da própria História, segundo Barreto (2008), não tem mais vergonha de suas origens étnicas e dos seus valores culturais construídos pelos seus ancestrais.

Nos depoimentos dos participantes pode-se destacar algumas falas registradas que revelam os sentimentos dos mesmos em relação TCI:

E graças a essa reunião da terapia, consegui entender meu problema e consegui resolve-lo de uma forma tranquila. Percebo que a terapia me ajudou, contribuiu bastante. (CAUÉ).

Fazer essa terapia deixa você mais tranquilo, mais alegre, assim é muito bom mesmo, eu recomendo, é positivo isso [...]. A terapia comunitária é espaço de reunir forças, você uni, não só uni, oferece forças pra outras pessoas. (ABADE).

Objetivo da terapia que eu creio é falar, escutar, tenta correr atrás dessa problemática para poder resolver [...] Essa Terapia ajuda a pessoa se conhecer, cada vez mais eu sou grato por isso, pouca coisa, mas para mim foi muito [risos]. (GUMBELA).

Eu aprendi muito, muito com a Terapia Comunitária que é coisa imensurável. Acho muito legal se eu for para Guiné com certeza eu vou levar, porque não depende da estrutura, mas força de vontade e paciência tu consegue qualquer coisa. (KUFADA).

Quando questionamos a contribuição da TCI para os estudantes lusófonos constatamos essas conotações positivas: “espaço de unir e oferecer forças”, “deixa você mais tranquilo”, “ajuda a pessoa a se conhecer”, “pouca coisa, mas para mim foi muito”, esses sentidos se apresentam como relevantes, parecem muito simples, mas tem seu efeito libertador. Toda Terapia Comunitária tende a ser um processo constante de autodescoberta e libertação.

Demonstram as narrativas que os objetivos foram alcançados, pois as rodas realizadas com a comunidade de estudantes africanos da UNILAB houve valorização das

histórias dos sujeitos e de suas potencialidades, partilha de sofrimentos, promoção da saúde e intervenção na redução do estresse.

Por sua vez, Buss e Pellegrini (2007, p. 86) discorrem sobre promoção da saúde, se refere às ações sobre os condicionantes e determinantes sociais da saúde, dirigidas a impactar favoravelmente a qualidade de vida então complementam:

[...] relações de solidariedade e confiança entre pessoas e grupos são fundamentais para a promoção e proteção da saúde individual e coletiva. Aqui se incluem políticas que busquem estabelecer redes de apoio e fortalecer a organização e participação das pessoas e das comunidades, especialmente dos grupos vulneráveis, em ações coletivas para a melhoria de suas condições de saúde e bem-estar, e para que se constituam em atores sociais e participantes ativos das decisões da vida social.

Ao escolher um grupo específico para estudo, criou-se uma pequena comunidade.

Explica Barreto (2008, p. 175) que:

[...] comunidade é um grupo de pessoas que compartilham de certas condições de vida: economia cultura, religião, migração, exclusão, proximidade, e que mantêm vínculos entre si, ou seja, interação em vários planos, como social, o familiar o cultural, o religioso entre outros.

Barreto (2008) acrescenta ainda que nessa pequena comunidade abrimos espaço para construção e reconstrução social elas podem trazer esperança a vidas desvinculadas, podendo assumir o papel de “família substituta” e termina expressando que é na comunidade que as pessoas descobrem e redescobrem sua identidade social cultural e histórica.

A TCI, então, cumpre seu papel na promoção da saúde, pois fortalece a atuação dos indivíduos e dos grupos, bem como oferece ações de suporte social aos coletivos comunitários e estimula processos de autoajuda e novas práticas de educação em saúde (CARVALHO; GASTALTO, 2008).

Considerações Finais

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi produzido com o objetivo de investigar o impacto da Terapia Comunitária Integrativa na promoção da saúde para discentes lusófonos.

Durante a pesquisa, foram estabelecidos objetivos específicos para melhor conhecimento da história dos colaboradores envolvidos no estudo. Evidenciaram-se suas trajetórias antes de chegar ao Brasil. Foi possível passear pelos acordos de cooperação solidária entre PALOP. Observou-se o surgimento da UNILAB, instituição voltada para integração de alunos do Maciço de Baturité e internacionalização de alunos de países lusófonos, bem como constatou-se os desafios da ambiência universitária para esses estudantes em migração temporária.

Para uma melhor compreensão das experiências vividas nas rodas de TCI, empregou-se a história oral temática, método para a captação dos dados empíricos. As narrativas foram organizadas em quatro eixos temáticos, quais sejam: “Da diáspora africana à receptividade no Brasil”, “O ambiente universitário e seus desafios”, “De onde vem essa força?” e “A Terapia Comunitária Integrativa como local de encontro, descobertas e cuidado”. Identificou-se que todos os estudantes declararam boa receptividade brasileira e que os principais desafios na ambiência universitária se referem à adaptação à cultura, à distância da família, ao medo da violência, à língua portuguesa e ao preconceito.

Nessa concepção, evidenciou-se que a TCI pode atuar como um recurso de promoção da saúde que concilia a construção de redes de apoio social, proporciona mudanças de determinantes sociais e acredita nas competências de cada sujeito na superação de suas dificuldades. Nesse sentido, diversas foram as mudanças que ocorreram no cotidiano de estudantes migrantes pertencentes aos PALOP. Revelou-se que houve uma melhor compreensão de si e do outro. Sugere-se que a TCI pode proporcionar autoestima, reconhecendo seu potencial de transformação a nível individual. Foi possível ajudar a consolidar vínculos com a família e melhorar aspectos, como lazer, espiritualidade e empoderamento pessoal. Na universidade, estabeleceu-se um espaço de apoio, criando condições e convívio entre contextos culturais e sociais distintos. Esse estudo alcançou os objetivos propostos quando demonstra, a partir das falas dos depoentes, as mudanças produzidas após a participação das rodas de TCI.

Acredita-se que a TCI atende às metas a que se propõe e que deve ser divulgada como uma prática de caráter terapêutico, transformadora da realidade, podendo ser utilizada nos diversos níveis de atenção à saúde, bem como no contexto da assistência estudantil.

Considera-se que a TCI, atuando no âmbito universitário, pode favorecer a integralidade do cuidado de estudantes, levando em consideração a cultura, a subjetividade e a singularidade de cada um.

A TCI proporciona um acolhimento das dificuldades individuais compartilhadas no coletivo, sendo, assim, uma ferramenta de cuidado valiosa, tanto neste como em outros espaços. Nessa perspectiva, apresenta-se, ao cenário nacional, a TCI com características de tecnologia leve e de baixo custo e como ferramenta de cuidado que pode fortalecer os vínculos, estabelecendo relações harmônicas que potencializam a capacidade resiliente das pessoas. Por essa relevância, há possibilidades de pesquisas que apontem para os benefícios da TCI às distintas populações.

Desta maneira, o grupo de TCI tem como benefícios um espaço motivador de partilha de experiência de vida e saberes, onde existem regras funcionais que incentivam o respeito ao exercício democrático de cada um no grupo, e que isso impulsiona a consciência crítica, o despertando da resiliência, e o próprio empoderamento do participante, ao se constituir capaz de contribuir com o outro.

As limitações encontradas durante a pesquisa foram as da população do estudo, pois foram constadas dificuldades para motivar essa população específica na participação das rodas de TCI, uma vez que tinha uma periodicidade e que o período contemplou temporadas de provas e de recesso acadêmico. A assiduidade dos participantes foi outro desafio durante a pesquisa, pois os estudantes possuem uma sobrecarga de atividades curriculares e extracurriculares no cronograma letivo da universidade, comprometendo sua frequência aos encontros.

Acredita-se que esse trabalho oferece subsídio para elaboração de novos estudos e que a verdade aqui discorrida é fruto da própria realidade, podendo ser explorada por diversos olhares. O desenvolvimento de futuras investigações, portanto, pode aflorar, tendo em vista o rico material extraído das experiências vividas na TCI.

Referências

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA BRASILEIRA DE COOPERAÇÃO. Histórico da cooperação técnica brasileira. **Portal da Agência Brasileira de Cooperação**, Brasília, [2012]. Disponível em: <http://www.abc.gov.br/CooperacaoTecnica/Historico>. Acesso em: 16 maio 2019.
- ANDRADE, A. M. J.; TEIXEIRA, M. A. P. Áreas da política de assistência estudantil: relação com desempenho acadêmico, permanência e desenvolvimento psicossocial de universitários. **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba, v. 22, n. 2, p. 512-528, jul. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-40772017000200014>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/aval/v22n2/1982-5765-aval-22-02-00512.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.
- ANDRADE, L. O. M. *et al.* (org.). **O SUS e a Terapia Comunitária**. Fortaleza: Ministério da Saúde; Universidade Federal do Ceará, 2009. Disponível em: <https://issuu.com/abratecom/terapiacomunitaria/docs/livrossustc>. Acesso em: 16 maio 2019.
- ARTIGAS, J. S.; MOREIRA, N. B.; CAMPOS, W. Percepção da qualidade de vida em universitários: comparação entre períodos de graduação. **Arq. Cienc. Saúde UNIPAR**, Umuarama, v. 21, n. 2, p. 85-91, maio/ago. 2017. DOI: <https://doi.org/10.25110/arqsaude.v21i2.2017.5525>. Disponível em: <http://revistas.unipar.br/index.php/saude/article/view/5525>. Acesso em: 16 maio 2019.
- AZEVEDO, E. B. *et al.* **A terapia comunitária no contexto do sistema único de saúde: a terapia comunitária em diferentes instituições e contextos populacionais: o caso da UBSF Raiff Ramalho**. Relatório de Projeto de Extensão. Campina Grande, PB: Núcleo de Pesquisa e de Extensão do Centro de Ensino Superior e Desenvolvimento, 2013a. Disponível em: http://nupex.cesed.br/public/uploads/A_TERAPIA_COMUNITARIA_NO_CONTEXTO_DO_SISTEMA_UNICO_DE_SAUDE.PDF. Acesso em: 16 maio 2019.
- AZEVEDO, E. B. *et al.* Pesquisas brasileiras sobre Terapia Comunitária Integrativa. **Rev. Bras. Pesq. Saúde.**, Vitória, MG, v. 15, n. 3, p. 114-120, jul./set. 2013b. DOI: <https://doi.org/10.21722/rbps.v15i3.6333>. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/RBPS/article/view/6333>. Acesso em: 16 maio 2019.
- BARLACH, L. **O que é resiliência humana?** uma contribuição para construção do conceito. Orientador: Sigmar Malvezzi. 2005. 108 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-19062006-101545/publico/LiseteBarlach.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.
- BARRETO, A. P. *et al.* A inserção da Terapia Comunitária Integrativa (TCI) na ESF/SUS. Fortaleza: [s. n.], 2011. Disponível em: <https://docplayer.com.br/14996885-Terapia-comunitaria-integrativa-na-esf-sus.html>. Acesso em: 16 maio 2019.
- BARRETO, A. P. **Terapia Comunitária: passo a passo**. 3. ed. Fortaleza: Gráfica LCR, 2008.
- BESERRA, E. P. *et al.* Sofrimento humano e cuidado de enfermagem: múltiplas visões. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 175-180, jan./mar. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/>

10.5935/1414-8145.20140026. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v18n1/1414-8145-ean-18-01-0175.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

BRAGA, L. A. V. **Terapia comunitária e resiliência: histórias de mulheres**. Orientadora: Maria Djair Dias. 2009. 130 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5177>. Acesso em: 16 maio 2019.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União [da] República Federativa do Brasil**: seção 1, Brasília, DF, ano 150, n. 12, p. 59, 13 jun. 2013. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=13/06/2013&jornal=1&pagina=59&totalArquivos=140>. Acesso em: 16 maio 2019.

BRASIL. Lei nº 12.289, de 20 de julho de 2010. Dispõe sobre a criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB e dá outras providências. **Diário Oficial da União [da] República Federativa do Brasil**: seção 1, Brasília, DF, ano 147, n. 138, p. 4, 21 jul. 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12289.htm. Acesso em: 16 maio 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 849, de 27 de março de 2017. Inclui a Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. **Diário Oficial da União [da] República Federativa do Brasil**: seção 1, Brasília, DF, ano 154, n. 60, p. 68, 28 mar. 2017. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=68&data=28/03/2017>. Acesso em: 16 maio 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 971, de 3 de maio de 2006. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. **Diário Oficial da União [da] República Federativa do Brasil**: seção 1, Brasília, DF, ano 143, n. 84, p. 20, 4 maio 2006. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=20&data=04/05/2006>. Acesso em: 16 maio 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: atitude de ampliação de acesso**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_praticas_integrativas_complementares_2ed.pdf. Acesso em: 16 maio 2019.

BRASIL. Racismo vai além da cor da pele no Brasil. **Governo do Brasil**, [Brasília], 20 nov. 2018. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/consciencianegra/noticias/racismo-vai-alem-da-cor-da-pele-no-brasil>. Acesso em: 16 maio 2019.

BUSS, P. M.; PELLEGRINI FILHO, A. A saúde e seus determinantes sociais. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 77-93, 2007. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312007000100006>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v17n1/v17n1a06.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

CARRILHO, S. *et al.* **Ponte sobre o Atlântico**: Brasil e África Subsaariana: parceria Sul-Sul para o crescimento. [S. l.]: Banco Mundial: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/3094>. Acesso em: 16 maio 2019.

CARVALHO, M. A. P. *et al.* Contribuições da terapia comunitária integrativa para usuários dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS): do isolamento à sociabilidade libertadora. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 10, p. 2028-2038, out. 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00000913>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v29n10/a19v29n10.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

CARVALHO, S. R.; GASTALTO, D. Promoção à saúde e empoderamento: uma reflexão a partir das perspectivas crítico-social pós-estruturalista. **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, supl. 2, p. 2029-2040, 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-8123200800900007>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v13s2/v13s2a07.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

CEARÁ. Secretaria do Planejamento e Gestão. **Perfil da Macrorregião de Baturité**. Fortaleza: SEPLAG, 2011. Disponível em: <https://www.seplag.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/14/2011/05/Perfil-Regional-Baturite.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

CERQUEIRA, D. *et al.* **Atlas da violência** 2018. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2018. Disponível em: http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/06/FBSP_Atlas_da_Violencia_2018_Relatorio.pdf. Acesso em: 16 maio 2019.

CHOI, S.-H. WHO traditional medicine strategy and activities “Standardization with evidence-based approaches”. **J Acupunct Meridian Stud.**, Seoul, v. 1, n. 2, p. 153-154, Dec. 2008. DOI: [http://dx.doi.org/10.1016/S2005-2901\(09\)60037-6](http://dx.doi.org/10.1016/S2005-2901(09)60037-6). Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2005290109600376>. Acesso em: 16 maio 2019.

CORREIA JUNIOR, A. *et al.* Movimentos sociais e cultura africana no estado do Ceará: caso dos estudantes da Guiné-Bissau. *In*: MALOMALO, B.; MARTINS, E. S.; FREIRE, J. C. S. (org.). **África, migrações e suas diásporas**: reflexões sobre a crise internacional, cooperação e resistências desde o Sul. Porto Alegre: Editora Fi, 2017. p. 251-265.

DELGADO, L. A. N. **História oral e narrativa**: tempo, memória e identidades. **História Oral**, Rio de Janeiro, n. 6, p. 9-25, 2003. Disponível em: <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=62&path%5B%5D=54>. Acesso em: 16 maio 2019.

DIÓGENES, C. G.; AGUIAR, J. R. (org.). **UNILAB**: caminhos e desafios acadêmicos da Cooperação Sul-Sul. Redenção: UNILAB, 2013. Disponível em: <http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2013/07/LIVRO-UNILAB-5-ANOS-2.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

FERRAZ, M. F.; PEREIRA, A. S. A dinâmica da personalidade e o *homesickness* (saudades de casa) dos jovens estudantes universitários. **Psic., Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 3, n. 2, p. 149-164, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/psd/v3n2/v3n2a04.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

FERREIRA FILHA, M. O.; LAZARTE, R.; DIAS, M. D. (org.). **Terapia Comunitária Integrativa**: uma construção coletiva do conhecimento. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

FORNAZARI, S. A.; FERREIRA, R. E. R. Religiosidade/espiritualidade em pacientes oncológicos: qualidade de vida e saúde. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 265-272, abr./jun. 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722010000200008>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n2/a08v26n2.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, L. B. *et al.* As origens do pensamento sistêmico: das partes para o todo. **Pensando Famílias**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 3-16, dez. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v18n2/v18n2a02.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

GOMES, N. L. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, [s. l.] v. 12, n. 1, p. 98-109, jan./abr. 2012. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/11/currículo-e-relações-raciais-nilma-lino-gomes.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

GRANER, M. K.; RAMOS CERQUEIRA, A.T. A. Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, p. 1327-1346, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232018244.09692017>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v24n4/1413-8123-csc-24-04-1327.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

GUIRALDELLI, R. O enfoque metodológico da história oral na pesquisa em serviço social. **Emancipação**, Ponta Grossa, 13, n. esp., p. 121-131, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.5212/Emancipacao.v.13iEspecial.0008>. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/article/download/3000/4378>. Acesso em: 16 maio 2019.

GUSMÃO, E. M. M. “Na Terra do Outro”: presença e invisibilidade de estudantes africanos no Brasil, hoje. **Dimensões**, Vitória, ES, v. 26, p. 191-204, 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2568/2064>. Acesso em: 16 maio 2019.

GUSMÃO, N. M. M. Diáspora africana: a vida de imigrantes e estudantes em Portugal e no Brasil. *In*: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 26., 2008, Porto Seguro. **Anais** [...]. Porto Seguro: Associação Brasileira de Antropologia, 2008. Disponível em: http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/mesas_redondas/trabalhos/MR%2003/Neusa%20Maria.pdf. Acesso em: 16 maio 2019.

JORDAN, A. P. W.; BARBOSA, L. N. F. Espiritualidade e Formação nos Programas de Residência em Saúde de uma Cidade no Nordeste Brasileiro. **Rev. Bras. Educ. Med.**, Brasília, v. 43, n. 3, p. 82-90, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v43n3rb20180221>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v43n3/1981-5271-rbem-43-3-0082.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

LANGA, E. N. B. **Diáspora africana no Ceará no século XXI**: ressignificações identitárias de estudantes imigrantes. Orientadora: Alba Maria Pinho de Carvalho. 2016. 563 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/21801>. Acesso em: 16 maio 2019.

LANGA, E. N. B. Diáspora africana no Ceará: representações sobre as festas e as interações afetivo-sexuais de estudantes africano(a)s em Fortaleza. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, Braga, v. 2, n. 1, p. 102-122, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.21814/rlec.58>. Disponível em: <http://www.rlec.pt/index.php/rlec/article/view/58/0>. Acesso em: 16 maio 2019.

LANGA, E. N. B. Processos de saúde e de adoecimento entre estudantes africanos na diáspora na cidade de Fortaleza. *In*: MALOMALO, B.; MARTINS, E. S.; FREIRE, J. C. S. (org.). **África, migrações e suas diásporas**: reflexões sobre a crise internacional, cooperação e resistências desde o Sul. Porto Alegre: Editora Fi, 2017. p. 225-249.

LEVY, S. D. (org.). **Oito relatos sobre viver antes, durante e depois do Holocausto por homens e mulheres acolhidos no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

LOBIONDO-WOOD, G.; HABER, J. **Pesquisa em Enfermagem**: métodos, avaliação crítica e utilização. Tradução de Ivone Evangelista Cabral. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

LUCCHETTI, G. *et al.* O idoso e sua espiritualidade: impacto sobre diferentes aspectos do envelhecimento. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 159-167, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-98232011000100016>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbagg/v14n1/a16v14n1.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

MAALOUF, J. F. **O sofrimento de imigrantes**: um estudo clínico sobre os efeitos do desenraizamento no *self*. Orientador: Gilberto Safra. 2005. 297 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15573>. Acesso em: 16 maio 2019.

MALOMALO, B.; LOURAU, J.; SOUZA, O. R. A UNILAB na perspectiva da Cooperação Sul-Sul: uma análise crítica decolonial africana. **Cadernos do CEAS**, Salvador/Recife, n. 245, p. 517-552, set./dez. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.25247/2447-861X.2018.n245.p496-531>. Disponível em: <https://cadernosdoceas.ucsal.br/index.php/cadernosdoceas/article/view/454>. Acesso em: 16 maio 2019.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MILANI, C. R. S.; CONCEIÇÃO, F. C.; M'BUNDE, T. S. Cooperação Sul-Sul em educação e relações Brasil-PALOP. **Caderno CRH**, Salvador, v. 29, n. 76, p. 13-32, jan./abr. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792016000100002>. Disponível em: <https://portal.seer.ufba.br/index.php/crh/article/view/20072>. Acesso em: 16 maio 2019.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

NASCIMENTO, M. V. N.; OLIVEIRA, I. F. As práticas integrativas e complementares grupais e sua inserção nos serviços de saúde da atenção básica. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 21, n. 3, p. 272-281, jul./set. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/1678-4669.20160026>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v21n3/1413-294X-epsic-21-03-0272.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

OLIVEIRA, C. T. *et al.* Percepções de estudantes universitários sobre a relação professor-aluno. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 18, n. 2, p. 239-246, maio/ago. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2014/0182739>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v18n2/1413-8557-pee-18-02-0239.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

OSHO. O Rio e o Oceano. **Alquimia da Alma**, [s. l.], 27 jan. 2016. Disponível em: <https://alquimiadaalma.com.br/o-rio-e-o-oceano/>. Acesso em: 16 maio 2019.

PADILLA, B. Saúde de imigrantes: multidimensionalidade, desigualdades e acessibilidade em Portugal. **Rev. Inter. Mob. Hum.**, Brasília, ano XXI, n. 40, p. 49-68, jan./jun. 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1980-85852013000100004>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/remhu/v21n40/04.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

PEREIRA, G.; QUADE, W. J. N.; CORREIA JUNIOR, A. Organização para empoderamento dos estudantes africanos no estado do Ceará. *In*: MALOMALO, B.; MARTINS, E. S.; FREIRE, J. C. S. (org.). **África, migrações e suas diásporas: reflexões sobre a crise internacional, cooperação e resistências desde o Sul**. Porto Alegre: Editora Fi, 2017. p. 267-293.

PIMENTEL, A. Redenção é símbolo da memória da Abolição da Escravatura no Brasil após 150 anos. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 13 maio 2018. Disponível em: <http://blogs.diariodonordeste.com.br/sertaocentral/historia/redencao-e-simbolo-da-memoria-da-abolicao-da-escravatura-no-brasil-apos-150-anos/60423>. Acesso em: 16 maio 2019.

REDENÇÃO (Ceará). *In*: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2019]. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Redenção_\(Ceará\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Redenção_(Ceará)). Acesso em: 22 jun. 2019.

ROCHA, E. S.; SASSI, A. P. Transtornos mentais menores entre estudantes de medicina. **Rev. Bras. Educ. Med.**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, p. 210-216, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v37n2/08.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

ROCHA, I. A. *et al.* Terapia Comunitária Integrativa: situações de sofrimento emocional e estratégias de enfrentamento apresentadas por usuários. **Rev Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 155-162, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1983-14472013000300020>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v34n3/a20v34n3.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

SANTOS, I. A. A. UNILAB abre curso sobre a língua crioulo de Guiné Bissau. **Observatório da África**, [s. l.], 17 jan. 2018. Disponível em: <https://observatoriodafrica.wordpress.com/2018/01/17/unilab-abre-curso-sobre-a-lingua-crioulo-de-guine-bissau/>. Acesso em: 16 maio 2019.

SANTOS, M. C.; TESSER, C. D. Um método para a implantação e promoção de acesso às Práticas Integrativas e Complementares na Atenção Primária à Saúde. **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 11, p. 3011-3024, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012001100018>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v17n11/v17n11a17.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

SILVA, Á. G. S. **A cooperação brasileira em educação: estudantes convênio dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa**. Orientadora: Maria Lúcia Rodrigues Müller. 2015. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Cuiabá, 2015. Disponível em: <http://ri.ufmt.br/handle/1/143>. Acesso em: 16 maio 2019.

SILVA, K.; MORAIS, S. S. Tendências e tensões de sociabilidade de estudantes dos Palop em duas universidades brasileiras. **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 1, p. 163-182, jan./abr. 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73072012000100011>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v23n1/11.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

SÓRIA, D. A. C. *et al.* A resiliência como objeto de investigação na enfermagem e em outras áreas: uma revisão. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 547-551, dez. 2006. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452006000300026>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v10n3/v10n3a26.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

TABOADA, N. G.; LEGAL, E. J.; MACHADO, N. Resiliência: em busca de um conceito. **Rev Bras Crescimento Desenvolv Hum.**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 104-113, 2006. DOI: <https://doi.org/10.7322/jhgd.19807>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/19807/21877>. Acesso em: 16 maio 2019.

TASSINI, C. C. *et al.* Avaliação do estilo de vida em discentes universitários da área da saúde através do questionário fantástico. **Int. J. Cardiovasc. Sci.**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 117-122, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/2359-4802.20170024>. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ijcs/v30n2/pt_2359-4802-ijcs-30-02-0117.pdf. Acesso em: 16 maio 2019.

TCHAM, I. **A África fora de casa: sociabilidade, trânsito e conexões entre os estudantes africanos no Brasil**. Orientador: Antonio Motta. 2012. 90 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11353>. Acesso em: 16 maio 2019.

TEIXEIRA, M. A. P.; CASTRO, G. D.; PICCOLO, L. R. Adaptação à universidade em estudantes universitários: um estudo correlacional. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 11, n. 2, p. 211-220, jul./dez. 2007. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v11i2.7466>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/7466>. Acesso em: 16 maio 2019.

THIAGO, S. C. S.; TESSER, C. D. Percepção de médicos e enfermeiros da Estratégia de Saúde da Família sobre terapias complementares. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 249-257, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102011005000002>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v45n2/2243.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

TRAJANO FILHO, W. **A sociabilidade da diáspora: o retorno**. Brasília: Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, 2005. (Série Antropológica, n. 380). Disponível em: <http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie380empdf.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA. Diretoria de Registro e Controle Acadêmico. **Dados Quantitativos – DRCA**. Redenção: UNILAB: DRCA, fev. 2019b. Disponível em: <http://www.unilab.edu.br/dados-quantitativos/>. Acesso em: 16 maio 2019.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA. **Apresentação de orçamento:** *Campus* da Liberdade. Redenção: UNILAB, 2019. Apresentação exibida durante a Audiência Pública de 7 de maio de 2019a. Disponível em: http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2019/05/Apresentação-Orçamento_06_05_19.pdf. Acesso em: 16 maio 2019.

Apêndices e Anexos

APÊNDICE A – FORMULÁRIO DE ENTREVISTA



Ministério da Educação
 Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB
 Programa de Pós-graduação em Enfermagem
 Mestrado Acadêmico de Enfermagem

FORMULÁRIO DE ENTREVISTA

Identificação:

Nome: _____

Sexo: _____ Data de nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cidade: _____

Nacionalidade: _____ Telefone: () _____ - _____

Curso de graduação: _____

Data e local da entrevista: _____

Perguntas Norteadoras:

- 1) Como você chegou a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)?
- 2) Que acontecimentos marcantes foram vivenciados na chegada ao Brasil?
- 3) O ingresso na vida universitária vem causando algum problema/sofrimento?
- 4) Como você enfrenta ou supera situações de problema/sofrimento?
- 5) De onde você tira forças de enfrentamento/superação para resolução de problemas/sofrimento?
- 6) Você percebe alguma contribuição da Terapia Comunitária Integrativa na melhoria da sua capacidade para agir diante dos problemas/sofrimento?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Ministério da Educação
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB
Programa de Pós-graduação em Enfermagem
Mestrado Acadêmico de Enfermagem

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)

Este documento que você está lendo é chamado de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), ele contém explicações sobre o estudo que você está sendo convidado a participar. Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade), você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo. Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A pesquisadora deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo). O(a) Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado “Terapia Comunitária Integrativa: estratégia de promoção da saúde para discentes lusófonos”. Informa-se ainda que:

A pesquisa tem como objetivo analisar a Terapia Comunitária Integrativa como estratégia de promoção da saúde, espaço de partilha e expressão de sentimentos para discentes lusófonos, verificando suas contribuições e despertar de características resilientes.

O(a) Sr(a) participará das rodas de TCI com previsão de duração de 1 hora e 30 minutos durante 10 (dez) sessões com intervalo de 7 (sete) dias entre cada uma, no período de outubro de 2018 a março de 2019 e logo após o encerramento responderá a uma entrevista através de formulário com perguntas onde seu conteúdo será gravado e transcrito, garantido o sigilo das informações coletadas.

O(a) Sr.(a) tem o direito de analisar se quer ou não participar desse estudo e que será garantido o tempo suficiente para que decida autonomamente se deseja ou não participar e que em caso de dúvidas, será garantido e informado o seu direito de consultar pessoas de sua confiança sobre a possibilidade de participar ou não desta pesquisa.

O(a) Sr.(a) receberá respostas ou esclarecimentos sobre quaisquer dúvidas acerca dos procedimentos e outros assuntos relacionados com a pesquisa, ainda que isto possa afetar a sua vontade de continuar dela participando.

A participação não gera ônus financeiro para o participante.

O(a) Sr.(a) terá liberdade de retirar o seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar da pesquisa.

Os riscos do estudo podem ser classificados em grau mínimo e de origem psicológica podendo gerar algum desconforto, estresse emocional relacionado ao compartilhamento de suas experiências durante as rodas de TCI. Considerando também que o preenchimento de um formulário semiestruturado pode levar o participante a se preocupar com a divulgação dos seus dados confidenciais, será tomado para minimização do risco o devido cuidado para que o(a) Sr.(a) tenha assegurado o direito de interrompe-las, sugerir pausas, afim de garantir que se sinta confortável na condição de participante da pesquisa. Garantimos total sigilo dos dados confidenciais. E se observamos a necessidade de acompanhamento especializado para aluno(a) será devidamente encaminhado aos serviços de assistência aos discentes na UNILAB ou a Rede de Atenção Psicossocial do município.

Desta forma a modalidade de cuidado em grupo de TCI tem como benefícios um espaço motivador de partilha de experiência de vida e saberes onde existem regras funcionais que incentivam o respeito ao exercício democrático de cada um no grupo e que isso impulsiona a consciência crítica e o desperta da resiliência e o próprio empoderamento do participante ao constituir-se capaz de contribuir com o outro.

Os resultados serão divulgados por meio de Periódicos Científicos, Anais de Congressos Científicos, Trabalhos de Conclusão de Mestrado e Livros Impressos e Eletrônicos e que neles se manterá o caráter confidencial das informações relacionadas à sua privacidade;

Que sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre quaisquer momentos desta pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UNILAB) situado na avenida da Abolição n. 3, bairro: Centro, município: Redenção, Cep: 62.790-000, telefone (85) 3332-1381.

A pesquisa é desenvolvida pelo Curso de Enfermagem da UNILAB. A pesquisadora responsável é Rachel Lucas da Costa, mestranda de enfermagem com a orientação da Profª. Dra. Carolina Maria de Lima Carvalho. Informamos que as narrativas

gravadas e transcritas ficaram de posse da pesquisadora durante (5) cinco anos e após este período será descartado. Em caso de dúvidas sobre o projeto você poderá contatar a orientadora no endereço: Rodovia CE 060 – Km 51. Acarape-Ce. *Campus dos Auroras/UNILAB*. Telefone: 987824463.

Declaro, então, que fui suficientemente esclarecido sobre os objetivos e os métodos a serem utilizados, que fui informado sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes da participação na pesquisa, além dos benefícios esperados, inclusive considerando benefícios e acompanhamentos posteriores ao encerramento e/ou a interrupção da pesquisa; garantia de plena liberdade ao participante da pesquisa de recusar se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer momento da pesquisa, sem penalização alguma e que este termo atendeu às exigências contidas na Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde.

Data: ____/____/____

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA